

Teresa da Conceição de Almeida Varela

Estigma da Homossexualidade:
Perceção de emoções na expressão facial dos outros pelos
Homossexuais Masculinos em comparação com
Heterossexuais Masculinos

Orientador: Mauro Bianchi

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

COPELABS – Universidade Lusófona

Lisboa

2016

Teresa da Conceição de Almeida Varela

Estigma da Homossexualidade:
Perceção de emoções na expressão facial dos outros pelos
Homossexuais Masculinos em comparação com
Heterossexuais Masculinos

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do grau de Mestre em Psicologia no Mestrado de Psicologia Social das Organizações conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, defendida no dia 5 de Junho, de 2017, segundo o Despacho de Nomeação de Júri nº. 133/2017, com a seguinte composição:

Presidente: Professor Doutor Rodrigo Brito

Arguente: Profeddora Doutora Ana Loureiro

Orientador: Professor Doutor Mauro Bianchi

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

COPELABS – Universidade Lusófona

Lisboa

2016

Esta dissertação foi redigida de acordo com as normas para a elaboração e apresentação de teses e dissertações instituídas na ULHT e ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico

Ao Carlos, à Bárbara e à Laura

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Mauro Bianchi, pelos ensinamentos, pelo suporte, pela presença forte e encorajadora.

Às pessoas que amavelmente se disponibilizaram a participar no meu estudo, agradeço pela partilha, pela generosidade, sem eles não teria sido possível realizar este estudo.

À minha mãe Fernanda e à Tia Teresa, porque estão sempre lá, pelo carinho, pelo amor incondicional.

Laila, obrigada pelos momentos, pela partilha constante.

À Sónia por me ter ajudado a concretizar o sonho.

Por falar em emoções, a todos um sincero e emotivo obrigado.

Resumo

Indivíduos estigmatizados fazem um enviesamento na perceção de emoções no rosto dos outros (Inzlicht, Kaiser, & Major, 2008). Neste estudo espera-se que homens homossexuais, em comparação com homens heterossexuais, façam um enviesamento na perceção da expressão de nojo na cara dos outros (Hipótese 1); espera-se que este enviesamento seja moderado pela perceção do estigma da homossexualidade (Hipótese 2) e pela perceção de rejeição interpessoal ligada ao estigma da homossexualidade (Hipótese 3). Para testar estas hipóteses foi construído um instrumento de 20 vídeos com fotos masculinas animadas que mudam progressivamente de emoção. A variável dependente é o tempo de resposta à mudança de emoção nos vídeos. Dois grupos de participantes (homossexuais masculinos e heterossexuais masculinos, grupo de controlo), visualizaram os vídeos, responderam a uma Escala de Perceção de Estigma e a uma Escala de Rejeição Interpessoal relacionada com o Estigma da Homossexualidade. Também foram questionados sobre um conjunto de dados sociodemográficos. Os resultados confirmam um enviesamento numa emoção específica, o nojo. A discussão faz-se à luz da teoria do estigma e perceção de emoções.

Palavras-chave: Homossexualidade; Estigma; Expressões faciais; Perceção de emoções; Expectativas ligadas ao preconceito.

Abstract

Stigmatized individuals make a bias in perceiving emotions on the faces of others (Inzlicht, Kaiser, & Major, 2008). In this study it is expected that homosexual men, compared to heterosexual men, will make a bias in the perception of the expression of disgust in the face of others (Hypothesis 1); It is expected that this bias will be moderated by the perception of the stigma of homosexuality (Hypothesis 2) and by the perception of interpersonal rejection related to the stigma of homosexuality (Hypothesis 3). To test these hypotheses was built an instrument of 20 videos with animated male photos that change emotion progressively were constructed. The dependent variable is the response time to the change of emotion in the videos. Two groups of participants (male homosexuals and male heterosexuals, control group) viewed the videos, responded to a Stigma Perception Scale, and an Interpersonal Rejection Scale related to the Stigma of Homosexuality. Also questioned about a set of sociodemographic data. The results confirm a bias in a specific emotion, disgust. The discussion is made in the light of the theory of stigma and perception of emotions.

Keywords: Homosexuality; Stigma; Facial affect, Perception of emotions, Prejudice expectations;

Índice

Agradecimentos	V
Resumo	VI
Abstract.....	VII
Índice	VIII
Índice de tabelas	X
Índice de figuras	XI
Introdução	12
Capítulo I	15
Enquadramento Teórico.....	15
1.1 Estigma.....	15
1.1.1 Dimensões do Estigma.....	18
1.1.2 Consequências do Estigma	20
1.1.3 Diferenças Individuais	25
1.2 Emoções e Estigma.....	28
1.2.1 Perceção de emoções no rosto dos outros.....	31
1.2.2 Homossexualidade e Nojo	35
Capítulo II.....	39
Parte Empírica	39
2.1 Objetivos e Hipóteses.....	39
2.2 Método.....	40
2.2.1 Amostra.....	40
2.2.2 Instrumento	41
2.2.3 Design experimental e procedimento	50

2.2.4	Consentimento Informado:	51
Capítulo III.....		52
Resultados.....		52
3.1	Análise das escalas e Correlações.....	52
3.2	Análise dos tempos de resposta aos vídeos.....	53
3.2.1	De emoções negativas para emoções positivas.....	53
3.2.2	De emoções positivas para emoções negativas.....	54
3.3	Análise de Moderação.....	54
3.3.1	Perceção do Estigma.....	54
3.3.2	Rejeição Interpessoal ligada ao Estigma	55
Capítulo IV		56
Discussão		56
Conclusão		59
Bibliografia.....		61
Anexos.....		I

Índice de tabelas

Tabela 1.1 - Fotos para vídeos partindo da emoção Desprezo – Alegria.....	42
Tabela 1.2 - Fotos para vídeos partindo da emoção Raiva - Alegria.....	42
Tabela 1.3 - Fotos para vídeos partindo da emoção Medo - Alegria	43
Tabela 1.4 - Fotos para vídeos partindo da emoção Tristeza - Alegria	43
Tabela 1.5 - Fotos para vídeos partindo da emoção Nojo - Alegria	44
Tabela 2.1 - Fotos para vídeos partindo da emoção Alegria - Desprezo.....	44
Tabela 2.2 - Fotos para vídeos partindo da emoção Alegria - Raiva.....	45
Tabela 2.3 - Fotos para vídeos partindo da emoção Alegria - Medo.....	45
Tabela 2.4 - Fotos para vídeos partindo da emoção Alegria -Tristeza.....	46
Tabela 2.5 - Fotos para vídeos partindo da emoção Alegria - Nojo.....	46
Tabela 3.1 – Análise das Escalas	51
Tabela 3.2 – Correlações entre Escalas.....	51
Tabela 3.3 – Tempo de resposta às emoções (negativas para positivas)	53

Índice de figuras

Figura 1 – Tempos de reação aos vídeos que envolvem a emoção nojo, nos grupos de homossexuais masculinos e heterossexuais masculinos e as expectativas de rejeição interpessoal.

Introdução

Na interação social, os indivíduos usam as expressões faciais dos outros como pistas importantes para regular o seu próprio comportamento, (Salovey & Mayer, 1990).

O rosto é de extrema importância para a interação social e pode ser pensado como o meio de expressão emocional (Ekman & Friesen, 1969; Izard, 1971). É para ele que olhamos para ver se estamos a ser aceites ou rejeitados, acolhidos ou afastados e geralmente é o foco da nossa atenção para saber quando e como interagir com os outros. As pessoas têm a capacidade de ler rostos e descodificar expressões faciais não verbais, especialmente quando as expressões são intensas, inequívocas e abertas (Ekman, 2003).

Pesquisas com membros de grupos estigmatizados mostraram que estereótipos e preconceitos influenciam a percepção do rosto e as respostas comportamentais aos rostos (Barreto, 2015). É escassa a literatura disponível sobre como essas reações influenciam as percepções faciais e as intenções comportamentais formadas por membros de grupos estigmatizados, quando outros respondem a elas com base em estereótipos e preconceitos.

Este estudo tem como suporte teórico o artigo pioneiro de Inzlich, Kaiser & Major (2008) que faz uma abordagem acerca da influência das expectativas de preconceito na percepção social. Inzlich e colegas descobriram que as mulheres (em comparação com os homens) com alto nível de consciência do estigma, isto é, uma preocupação em ser o alvo dos estereótipos de género, viam o desprezo permanecer mais tempo nos rostos de alvos masculinos (versus femininos), cuja expressão estava a mudar. Os autores sugerem, tendo por base teorias subjacentes ao estigma e à percepção das emoções, que os indivíduos que esperam ser tratados com preconceito tendem a perceber rejeição nas emoções expressas nos rostos dos outros (e.g., desprezo e raiva).

Na orientação da interação social, na tentativa de regular as emoções dos outros e na avaliação das atitudes dos outros, os indivíduos monitorizam as mudanças na expressão facial para perceber emoções, contudo, os recetores não estão isentos de enviesar a percepção (Niedenthal, Halberstadt, & Margolin, 2000).

Deste modo, o objetivo principal deste estudo é perceber se indivíduos estigmatizados fazem um enviesamento na percepção de emoções específicas no rosto dos outros. Vai-se comparar indivíduos estigmatizados com indivíduos não estigmatizados, neste

estudo concretamente, estudamos homossexuais masculinos em comparação com heterossexuais masculinos.

Esta tese encontra-se organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo, enquanto enquadramento teórico, incide sobre as investigações e teorias do estigma abordando as várias dimensões do estigma e as suas implicações; também nas consequências da estigmatização social, seus efeitos sociopsicológicos e nas diferenças individuais como sejam a expectativa de preconceito, expectativa de rejeição que interferem nas interações sociais e nas representações enquanto consequências do fenómeno na vida dos indivíduos. O estigma da homossexualidade masculina aqui estudado representa e exprime uma identidade social que é depreciada em contextos particulares. Identidade social ou pertença a uma categoria social, questionada na sua plena humanidade: com defeitos aos olhos dos outros e inabilitada para aceitação social plena (Crocker, Major, & Steele, 1998). A abordagem teórica que neste estudo é feita às emoções e suas expressões faciais assume maior relevo e significado sobre o nojo por ser, de acordo com a literatura disponível, a emoção associada à homossexualidade (Nussbaum, 2001).

O segundo capítulo corresponde à parte empírica deste trabalho, é composto por um estudo realizado com uma amostra de homossexuais masculinos e uma amostra de heterossexuais masculinos, como grupo de controlo; tem como objetivo perceber a influência e o impacto do estigma da homossexualidade nas diferentes interações dos indivíduos em sociedade, através da perceção de emoções nas faces dos outros. Formuladas as hipóteses que se espera testar, espera-se que os homens homossexuais, em comparação com homens heterossexuais, façam um enviesamento na perceção da expressão de nojo na cara de outros; com base nos resultados de Inzlich e colegas (2008), espera-se que este enviesamento seja moderado pela perceção do estigma da homossexualidade e pela perceção de rejeição interpessoal ligada ao estigma da homossexualidade.

Foi construído um instrumento sobre expressões faciais das emoções, com base em vídeos e tempos de resposta dos participantes; continuada a recolha de dados com onze afirmações da Escala de Estigma Percebido (Link, 1987) e nove afirmações da Escala de Rejeição Interpessoal ligada ao Estigma (Wahl, 1999) as quais se pretende que manifestem o seu nível de concordância numa escala de likert de 1 a 7; a terminar foram colocadas perguntas sociodemográficas. No terceiro capítulo os dados recolhidos foram processados e analisadas as hipóteses que foram inicialmente elaboradas.

Por fim, no quarto capítulo, discutidos os resultados e apontadas as conclusões a que foi permitido chegar com os resultados obtidos nesta investigação, foram retiradas as implicações no quotidiano das experiências de indivíduos estigmatizados sobre o rótulo da homossexualidade. Desde o início deste estudo ficou perceptível a pouca investigação realizada nesta matéria, na perspetiva do indivíduo estigmatizado, pelo que se procurou salientar o contributo desta, também foram comentadas as limitações deste estudo bem como apontadas direções futuras na investigação deste tema.

Capítulo I

Enquadramento Teórico

1.1 Estigma

O estigma é um fenómeno bem documentado, a literatura revela tratar-se de um fenómeno complexo, as suas definições provêm de diferentes áreas de conhecimento como sejam a sociologia, psicologia e psiquiatria. É também muito poderoso no sentido do impacto deste fenómeno na vida dos indivíduos; limita-os, condiciona-os, causa-lhes prejuízo ao nível da autoestima, autoconceito, qualidade de vida, suporte social e atua como uma barreira ao desempenho dos papéis sociais (Crocker et al., 1998; Jones et al., 1984, Link & Phelan 2001). A pertinência e relevância dos estudos como este pretendem acrescentar algum conhecimento para um maior entendimento da experiência de quem vive na primeira pessoa o estigma.

Goffman (1963), no seu conhecido livro, *Stigma: notes on the management of spoiled identity*, definiu o estigma como um atributo que pode ser profundamente desacreditado, depreciativo, o que reduz as pessoas inteiras a pessoas corrompidas e diminuídas; a definição clássica de Goffman começa com o atributo como fonte de descrédito.

Crocker, et., al. (1998) propuseram que a estigmatização ocorre quando uma pessoa possui, ou acredita possuir, “algum atributo ou característica que transmite uma identidade social que é desvalorizada num contexto social particular” (p.505); que as pessoas estigmatizadas têm, ou acreditam ter, um atributo que as marca como diferentes e as leva a serem desvalorizadas aos olhos dos outros.

As marcas estigmatizantes podem ser visíveis ou invisíveis, controláveis ou incontrolláveis e ligadas à aparência. Indivíduos cujas identidades estigmatizadas são visíveis, são desacreditados aos olhos daqueles que os estigmatizam; mas aquelas cujas identidades são ocultáveis são desacreditados somente se revelarem a identidade estigmatizada (Goffman, 1963). Muitas vezes, as pessoas escondem identidades socialmente estigmatizadas se forem ocultáveis, como é o caso das doenças mentais, doenças físicas, deficiências físicas e orientação sexual (e.g., homossexualidade); a escolha de se revelar uma identidade estigmatizada acontece em função de cada contexto em que um indivíduo entra e passa a de alguma forma se relacionar. Paradoxalmente, entretanto, quanto mais as pessoas tentam

manter uma identidade escondida, mais saliente se torna em suas próprias mentes, destacando a importante distinção entre visibilidade de identidade e destaque (Smart & Wegner, 1999).

Herek (2009), fala do estigma como consideração negativa, status inferior e relativa impotência que a sociedade coletivamente concede às pessoas que possuem uma característica particular ou pertencem a um grupo ou categoria particular.

Estigma é relação e contexto específico, não reside na pessoa, mas em um contexto social, reforçando as definições de Goffman, um estigma social é uma identidade social que é desvalorizada pelos outros em determinado contexto. Barreto (2015), reforça esta ideia de que nenhuma característica da identidade é um estigma por si só, mas é socialmente determinado, depende de variações culturais e temporais com base nas características ou partes da identidade que são estigmatizadas (e.g., homossexualidade).

A maioria dos estudiosos do estigma considera este fenômeno como uma construção social, um rótulo colocado pela sociedade e que aponta para a variabilidade ao longo do tempo e das diferentes culturas nas quais atributos, comportamentos ou grupos são estigmatizados (Crocker et al 1998, Jones et al.1984). Os estudiosos da evolução, no entanto, apontam para a uniformidade entre as culturas em que atributos são estigmatizados (Frost, 2011).

Na estigmatização, as marcas tornam-se associadas a "desacreditar as disposições", avaliações negativas e estereótipos (Jones et al., 1984). Estes estereótipos e avaliações são geralmente amplamente compartilhados e bem conhecidos entre os membros de uma cultura (Crocker et al., 1998, Steele, 1997) e tornam-se uma base para excluir ou evitar membros da categoria estereotipada (Leary & Schreindorfer 1998, Major & Eccleston, 2004).

Os significados inerentes aos estigmas sociais estão dentro de contextos históricos e culturais, esses mesmos significados podem mudar ao longo do tempo (e.g., Cross,1991).

O estigma não se limita a minorias numéricas, o estigma origina-se e perpetua-se por aqueles com poder contra outros com menos poder; em suma, o estigma existe quando rotulagem, estereotipagem negativa, exclusão, discriminação e baixo status ocorrem em simultâneo com situações de poder que permitem que esses processos se desdobrem (Link & Phelan, 2001).

Os efeitos do estigma, têm um poder tão presente que mesmo num contexto não estigmatizante, eles permanecem para o indivíduo estigmatizado, uma ameaça constante que os obriga a estar vigilantes, num esforço mental que lhes retira energia e recursos mentais na

expectativa de preconceito e ameaça constante de estereótipo (Inzlicht, McKay & Aronson, 2006).

Uma vez estabelecido, o estigma social, manifesta-se em muitos processos conceitualmente distintos, todos relacionados com o estigma; leis, políticas, religião, estruturam-se de forma a refletir os significados negativos associados ao grupo estigmatizado e aos indivíduos. Os direitos, as liberdades e os recursos dos estigmatizados são limitados em comparação com os não-estigmatizados. As desigualdades estruturais resultam e perpetuam o estigma social ao reforçar as conotações negativas dos grupos estigmatizados através da limitação da sua participação na sociedade. Se certos grupos forem impedidos de participar plenamente na sociedade, o seu estatuto social permanecerá comparativamente menor e com menos oportunidades do que os grupos não estigmatizados, num formato que vai legitimando o estigma social (Herek, 2007). Esta realidade remete-nos para a discriminação; discriminação refere-se a casos em que a pessoas ou grupos são negados a igualdade e tratados de forma diferente por causa do seu estatuto estigmatizado (Allport, 1954; Major & O'Brien, 2005). A discriminação pode ocorrer no nível institucional, como descrito acima, bem como no nível interpessoal (Frost, 2011; Major & O'Brien, 2005), a discriminação traz a discussão atual mais próxima das experiências das pessoas e grupos que são alvos do estigma.

Os estereótipos e preconceitos existem a nível psicológico e são frequentemente o produto do estigma social. Os estereótipos representam generalizações comuns sobre as qualidades das pessoas com base em sua associação a grupos estigmatizados ou a posse de um atributo estigmatizado (Allport, 1954; Devine, 1989), são conhecidos pela maioria das pessoas dentro de uma determinada cultura devido ao estigma subjacente de que derivam. O preconceito ocorre quando as pessoas acreditam que um estereótipo é verdadeiro e aplicam generalizações correspondentes em suas atitudes e julgamentos de outros a quem o estereótipo corresponde (Allport, 1954; Devine, 1989). Assim, estereótipos e preconceitos são processos psicológicos inter-relacionados, embora distintos, decorrentes do estigma social. O preconceito é complexo: nem sempre opera no nível consciente (Greenwald & Banaji, 1995); o estigma é deste modo arraigado dentro de múltiplos aspetos das sociedades, formas implícitas de preconceito operam fora da consciência das pessoas que podem moldar o seu comportamento para o estigmatizado em formas não intencionais (Frost, 2011).

1.1.1 Dimensões do Estigma

Diferentes investigadores agruparam de acordo com as características do estigma em diferentes dimensões que se relacionam com a identidade social.

Goffman (1963) distinguiu três dimensões de estigma, três tipos de identidade e diferencia-os no que diz respeito à sua relação com o estigma: (a) Abominações do corpo, fazendo referência a deformidades físicas ; (b) Culpas de carácter individual, a referir-se a desonestidade, crenças falsas e rígidas, homossexualidade, desemprego; e (c) estigmas tribais, de raça, nação ou religião, "... que podem ser transmitidos por meio da linhagem e contaminar igualmente todos os membros de uma família "(Goffman, 2008, p. 14); como sejam a cor da pele ou crenças políticas e/ou religiosas.

Mais tarde, Jones et al. (1984), vão mais longe na complexidade do tema e propõe seis dimensões de estigma e nesta matéria são citados por diversos autores Brohan, E., Slade, M., Clement, S., & Thornicroft, G. (2010a).; Hinshaw,2007; Link & Phelan, 2001): (a) ocultável (Concealability)¹, no sentido que o estigma pode ou não ser escondido pelo próprio que é estigmatizado, (e.g. homossexualidade). Esta dimensão assume particular importância, já que os indivíduos são constantemente confrontados com a decisão de ocultar ou tornar visível a sua condição de estigmatizado, é o caso de pessoas com transtornos mentais, as minorias sexuais e outros (Frost & Bastone, 2007; Goffman,1963; Meyer,2003; Smart & Wegner,1999). Frost (2011) fala que ocultação de estigma é stressante na medida em que produz uma carga cognitiva resultante do medo de ser descoberto. Representa um dispêndio enorme de energia vital que não vai ser usada nas normais interações com os outros, como seria suposto (Inzlicht et al.,2008; Newheiser & Barreto, 2014). (b) Curso (Course of the mark), refere-se à estabilidade ou mutabilidade do estigma ao longo do tempo, ou seja, se é uma condição crónica ou se é reversível, como exemplo podemos referir doenças crónicas progressivamente debilitantes, ou surdez profunda. Estudos mostram que indivíduos que experienciaram ao longo do tempo doença crónica lidam melhor com o estigma, estão mais adaptadas, com menos ansiedade e mais autoestima (Crandall & Moriarty, 1995), do que os

¹ Tradução livre para português das seis dimensões do estigma propostas por Jones et al. (1984).

doentes com doença aguda. (c) Perturbador/ (disruptiveness) /desorganizador, o impacto da diferença nos relacionamentos interpessoais, este estigma perturba o desenrolar normal da relação interpessoal, e.g., gaguez. Nesta dimensão, fatores como a contagiosidade e a severidade são muito significativos na medida em que podem levar a comportamentos de distanciamento em relação ao outro. (d) Estético (Aesthetics), a diferença facial ou corporal, se gera aversão ou se é percebida como pouco atraente, refere-se á qualidade do estigma que é agradável ou não aos sentidos (Crandall & Moriarty, 1995), relaciona-se com as reações subjetivas à não atratividade de um estigma, diferentes do valor e dignidade inerentes à pessoa estigmatizada (Dovídio, Major, & Crocker, 2003), e.g., pessoa com lábio leporino. (e) Origem (Origin), refere-se à causa do estigma, da diferença; se é congénita, acidental ou intencional. Esta dimensão assume particular importância se a pessoa é percebida como responsável pela mesma. Na doença física, por exemplo, se a percepção de culpa ou de controlabilidade do estigma leva a uma maior rejeição do estigmatizado, como no caso da obesidade. E, por último, (f) Risco (Peril), relaciona-se com a percepção do risco para os outros, grau de perigosidade ou ameaça que a diferença induz, e.g. risco de contágio de uma doença infetocontagiosa, fatal, pode também referir-se a um risco simbólico, moral, como acontece com os portadores de VIH (Crandall & Moriarty, 1995).

Crocker et al., (1998) classificam duas dimensões de fundamental importância para a compreensão da experiência subjetiva dos indivíduos estigmatizados: a visibilidade e a controlabilidade. A visibilidade significa até que ponto a característica é óbvia ou detetável pelos outros; estigmas que são visíveis a todos, como a raça, o sexo, obesidade, ou qualquer condição que desfigure, ou seja, todas aquelas marcas que não podem ser facilmente escondidas dos outros. Em função da visibilidade, os indivíduos que são estigmatizados não podem servir-se da estratégia da ocultação do estigma como forma de lidar com os estereótipos, preconceitos e perseguições desencadeados pelos seus estigmas. A maior ou menor visibilidade de um estigma pode determinar a forma como o estigmatizado lida com o estigma; pessoas com estigmas escamoteáveis, tais como as afiliações religiosas estigmatizadas, algumas doenças que lhes imputam marcas, a homossexualidade, tema que é objeto de estudo ao longo deste trabalho, têm um conjunto diferente de preocupações, porque o seu estigma não é visível, podem interagir com os outros sem que a sua identidade social se torne negativa. Contudo, estão conscientes de que podem ser estigmatizados caso os seus atributos sejam postos a descoberto. Dovídio et al (2003) falam nestas circunstâncias sobre

quanta energia a pessoa despende para esconder e em que medida se compara com outros indivíduos estigmatizados. Aqueles cujos estigmas não são visíveis podem por um lado fugir à rejeição social, mas por outro, perder a comparação e o suporte social dos seus pares. A dimensão Controlabilidade assume também extrema importância, relaciona-se com o facto de o estigma estar ou não sob o controlo do estigmatizado. Se é percebido que o indivíduo pode controlar o estigma e esse autocontrolo não acontece, é mais fortemente rejeitado. A atribuição de responsabilidade pelos resultados pode conduzir a sentimentos de raiva, depreciativos contra o estigmatizado, menos vontade de ajudar, discriminação e evitamento, (Crandall, 2003). Um exemplo típico é a intolerância e antipatia com as pessoas obesas, por se acreditar que podem por vontade própria controlar o seu peso, o objeto da sua estigmatização. Indivíduos com estigmas percebidos como incontroláveis poderão receber menos rejeição e menos preconceito por parte da sociedade.

1.1.2 Consequências do Estigma

Tem havido um aumento na pesquisa sobre como os indivíduos e grupos que são estigmatizados experimentam os efeitos do estigma (Swim & Stangor, 1998). Estudos recentes têm-se focado em como experiências de estigma conferem stress social em excesso e de que maneira este pode produzir uma infinidade de consequências negativas (Frost, 2011). Stressores sociais são fatores ou condições que requerem do indivíduo adaptações constantes às mudanças, a um nível inter e intrapessoal no ambiente onde se encontram (Meyer, 2003).

Grande parte dos estudos sobre o stress relacionado com estigma tem sido feitos em experiências com minorias étnicas, stress de discriminação racial (Clark e Williams, 1999) e stress das minorias sexuais (Meyer, 2003). Na realidade, ao longo do texto pretende-se dar conta das múltiplas e variadas experiências estigmatizantes e consequências, que podemos discutir separadamente, mas que nem sempre são mutuamente exclusivas. Muitas das experiências de estigma correspondem a interseções das múltiplas identidades estigmatizadas como relata amplamente a investigação sobre o tema (Bowleg, 2008; Collins, von Unger & Armbrister, 2008; Meyer, 2010; Meyer, Dietrich, & Schwartz, 2008; Meyer, Schwartz, & Frost, 2008).

Ainda sobre o stress como consequência do estigma, autores falam sobre eventos stressantes da vida, quando os stressores assumem a forma de evento com base em experiências de discriminação (Frost, 2011; Meyer, 2003). Evento no sentido de stressor agudo, ou seja, ocorre com pouca frequência comparativamente com outros stressores e assume a posição de um evento isolado na vida de um indivíduo, manifestam-se através da discriminação, em experiências diretas ou outros eventos causados pelo preconceito. Os crimes de ódio são um excelente exemplo de eventos de vida altamente stressantes relacionados com o estigma e que ocorrem quando uma pessoa ou grupo é alvo, geralmente por agressão ou assédio, por causa de uma identidade estigmatizada (Herek, 2009; King, Messner & Bailer, 2009). Outros eventos stressantes da vida relacionados com o estigma incluem, por exemplo, ser demitido de um emprego por causa da raça / etnia, sexo e / ou orientação sexual.

Por outro lado, eventos da vida stressantes relacionados com estigma, quando eles ocorrem repetidamente durante um longo período de tempo (e.g., bullying), podem produzir stress crônico relacionado com estigma. Embora existam leis proibindo muitos tipos de discriminação a alguns grupos estigmatizados (e.g., raça / etnia, sexo, idade), muitos indivíduos estigmatizados (e.g., minorias sexuais) não são protegidos de múltiplas formas de eventos da vida discriminatórios por políticas adequadas, promovendo a desigualdade social (Herek, 2006, 2007).

Meyer (2003), fala também de stress relacionado com estigma através de formas cotidianas de discriminação. Estas incluem serviços mais pobres e menos diferenciados em restaurantes ou lojas, sendo tratados como ameaçadores, ou sendo considerados supostamente para pessoas menos inteligentes, como resultado de um estatuto estigmatizado (Williams, Yu, Jackson, & Anderson, 1997).

Embora as formas de discriminação diária possam ser de menor magnitude do que os eventos da vida relacionados com o estigma, a sua cronicidade produz um efeito de stress acumulado que pode potencialmente ser igual ou até mais angustiante.

As experiências partilhadas sob o efeito e as consequências do estigma abrem espaço para a expectativa de rejeição (Frost, 2011). Nem todas as formas de stress relacionado com o estigma envolvem formas identificáveis de discriminação ou mesmo contato com um perpetrador de estigma. Contudo, como os indivíduos e grupos estigmatizados vivem em sociedades estruturadas de forma a perpetuar o estigma social, as

peças estigmatizadas podem entrar em interações sociais com a expectativa de serem rejeitadas por outros unicamente por causa do seu status social estigmatizado (Link, 1987; Meyer, 2003). Essa expectativa de rejeição, ocorre independentemente de a rejeição ocorrer ou não e produz uma carga cognitiva que constitui stress elevado relacionado com estigma.

Em resposta ao potencial de rejeição e discriminação, as pessoas que são estigmatizadas enfrentam um stress crônico adicional no que diz respeito à sua gestão de como e quando uma identidade ou característica estigmatizada é tornada visível ou oculta aos outros (Frost & Bastone, 2007; Goffman, 1963; Meyer, 2003; Smart & Wegner, 1999).

As pessoas com estigmas ocultáveis, como é o caso dos homossexuais, são constantemente confrontadas com a decisão de esconder ou tornar visível o seu status estigmatizado. Embora, por um lado, ocultar o status estigmatizado dos outros possa ser protetor, pois pode permitir que se evite a discriminação; por outro lado, esconder o estigma é stressante porque produz carga cognitiva resultante do medo da possibilidade da descoberta.

Sobre esconder uma identidade socialmente estigmatizada, Goffman (1963) postulou que os indivíduos cujas identidades estigmatizadas são visíveis, são desacreditados aos olhos daqueles que os estigmatizam, mas aquelas cujas identidades são ocultáveis são desacreditados somente se revelarem a identidade estigmatizada. Muitas vezes, as pessoas escondem identidades socialmente estigmatizadas se forem ocultáveis, como doenças mentais, doenças físicas, deficiências físicas e orientação sexual. A escolha de revelar uma identidade estigmatizada é feita em cada contexto em que um indivíduo chega e se envolve. Paradoxalmente, entretanto, quanto mais as pessoas tentam manter uma identidade escondida, mais saliente se torna em suas próprias mentes, destacando a importante distinção entre visibilidade de identidade e destaque (Smart & Wegner, 1999).

As pessoas com estigmas visíveis (e.g., minorias raciais / étnicas, mulheres) não têm a opção de ocultar o seu status social estigmatizado, no entanto, podem gerir as reações dos outros através de técnicas de gestão do estigma (Frost, 2011).

Podemos referir o estigma internalizado como consequência já que se refere à aplicação de significados sociais negativos do estigma ao autoconceito. O estigma internalizado acaba por manifestar-se como homofobia internalizada para as minorias sexuais (Frost & Meyer, 2009; Russel & Bohan, 2006), racismo internalizado (Wester et al., 2006) ou ódio racial internalizado (Cross, 1991), por minorias étnicas e sexismo internalizado pelas

mulheres (Bearman, Korobov, & Thorne, 2009; Szymanski & Kashubeck-west, 2008). Importa salientar que o estigma é construído socialmente, não uma característica inerentemente negativa dos indivíduos.

Falando em saúde mental, talvez uma das conclusões mais consistentes nos estudos sobre as consequências do stress relacionado com o estigma seja que o aumento da exposição ao stress relacionado com o estigma resulta em uma saúde mental mais pobre e débil. Isto é verdade para minorias sexuais no que diz respeito a distúrbios de saúde mental, suicídio e sintomas subliminares (Frost & Meyer, 2009; Frost, Parsons & Nanín, 2007; Hatzenbuehler, 2009; Mays & Cochran, 2001; Meyer, et al., 2008; Meyer, Schwartz, et al., 2008). A associação negativa entre o stress relacionado com o estigma e a saúde mental também tem sido bem demonstrada entre mulheres e grupos raciais / étnicos, especialmente no que se refere à perceção da discriminação e depressão (Brown, Williams, & Jackson, 2000; Corning, 2002; Fischer & Holz, 2007; Moradi & Subich, 2004; Paradies, 2006; Williams et al., 1997). Alguns estudos demonstraram ainda que os stressores relacionados com o estigma explicam em grande parte as disparidades na saúde mental entre as minorias sexuais e os heterossexuais (Mays & Cochran, 2001). Esta conclusão não foi comprovada nos estudos feitos com outras populações. Em comparação com os não-estigmatizados, os membros dos grupos estigmatizados correm maior risco de problemas de saúde mental e física, como depressão, hipertensão, doença coronária e acidente vascular cerebral (American Heart Association 2003, Jackson et al. 1996, Krieger 1990, McEwen 2000).

As disparidades raciais / étnicas foram documentadas também nos resultados de saúde física. Grande parte da pesquisa nesta área demonstrou que o aumento da exposição aos stressores relacionados com o estigma resultam em menor saúde cardiovascular (Friedman, Williams, Singer & Ryff, 2009; Harris et al., 2006; Smart Richman, Pek, Pascoe & Bauer, 2010). Da mesma forma, stressores relacionados com o estigma estão associados com a diminuição do acesso e qualidade dos cuidados médicos entre as minorias sexuais (Makadon, Mayer & Garofalo, 2006; Steele, Tinmouth & Lu, 2006). Entre os homossexuais VIH positivos, esconder o estigma está associado à progressão acelerada da doença (Cole, Kemeny, Taylor & Visscher, 1996).

A pesquisa estabeleceu conexões entre o estigma relacionado com o stress e os comportamentos de risco à saúde através da diminuição da autoeficácia e estratégias de adaptação também menos eficazes (e.g., Ramirez-Valles, Kuhns, Campbell & Diaz, 2010). Por

exemplo, estudos recentes têm demonstrado vínculos entre o aumento das experiências de estigma associado ao stress e tabagismo (e.g., Borrell et al., 2010; Todorova, Falcón, Lincoln & Price, 2010). Além disso, entre diversas populações de minorias sexuais, vários estudos demonstraram vínculos entre uma variedade de stressores relacionados com o estigma e comportamentos de risco de saúde sexual / VIH (Bruce, Ramirez-Valles & Campbell, 2008; Nakamura & Zea, 2010; Preston, D'Augelli, Kassab & Starks, 2007; Ryan, Huebner, Diaz & Sanchez, 2009; Simoni, Walters, Balsam & Meyers, 2006; Sugano, Nemoto & Operario, 2006). Assim, não só o stress relacionado com o estigma está diretamente ligado aos resultados de saúde mental e física, mas também aumenta o risco à saúde, o que fortalece as conexões entre o estigma social e os resultados negativos para uma variedade de indivíduos e grupos estigmatizados.

Talvez um dos mais significativos avanços psicológicos sociais no estudo das consequências do estigma tenha sido a pesquisa sobre a ameaça estereotipada (Steele, 1997; Steele & Aronson, 1995). A ameaça do estereótipo ocorre quando um indivíduo se torna consciente de um estereótipo negativo e seu desempenho nesse domínio é diminuído como resultado das cognições de interrupção produzidas a partir da consciência do estereótipo. Para indivíduos negros e latinos, a ameaça de estereótipo tem sido consistentemente demonstrada como tendo um efeito negativo no desempenho em uma variedade de situações de diagnóstico padronizadas. A ameaça do estereótipo também afeta negativamente o desempenho aritmético das mulheres em situações diagnosticadas (Spencer, Steele & Quinn, 1999).

Para os estudantes pertencentes a minorias sexuais, o aumento do stress relacionado com o estigma percebido sob a forma de esconder o estigma está associado a mais faltas no ensino médio (Frost & Bastone, 2007).

Sobre o desempenho no trabalho, a discriminação ocorre frequentemente na contratação e entrevista de indivíduos estigmatizados com base na raça / etnia, sexo e orientação sexual (Horvath & Ryan, 2003; Pager & Shepherd, 2008; Phelan & Rudman, 2010). No entanto, os efeitos negativos dos stressores relacionados com o estigma persistem além do processo de contratação. Além disso, as minorias sexuais também enfrentam o desafio do estigma relacionado com situações desencadeantes de stress no local de trabalho (e.g., Fassinger, 2008; Huffman, Watrous-Rodriguez & King, 2008; Ragins, Singh & Cornwell, 2007); também stressores relacionados com o estigma têm sido negativamente ligados a uma variedade de indicadores de desempenho no local de trabalho entre as minorias

sexuais (Ragins et al., 2007), bem como a sua satisfação e percepção de ajuste no local de trabalho (Lyons, Brenner & Fassinger, 2005).

Minorias sexuais em relações homossexuais são estigmatizadas como resultado da sua identidade sexual minoritária, bem como o seu envolvimento romântico com um parceiro do mesmo sexo. Stressores relacionados com o estigma neste contexto tem demonstrado o impacto negativo de múltiplos indicadores na qualidade do relacionamento entre casais do mesmo sexo (e.g., Frost & Meyer, 2009; Peplau & Fingerhut, 2007; Rostosky, Riggle, Gray & Hatton, 2007; Todosijevic, Rothblum & Solomon, 2005). Os stressores relacionados com o estigma experimentado pelos casais do mesmo sexo provêm de fontes interpessoais de preconceito e discriminação, bem como de desigualdades estruturais na forma de falta de reconhecimento e de igualdade de relacionamento (e.g., Hatzenbuehler, McLaughlin, Keyes & Hasin, 2010; Rostosky, Horne & Miller, 2009).

Quando se fala em consequências do estigma e se pesquisa sobre o tema, encontra-se investigação das últimas décadas demonstrando como os índices de stress por ele desencadeados se relacionam, com resultados de desempenho dos indivíduos em diversos domínios.

As conexões entre o estigma social e suas consequências não são universais. Existe uma tremenda variabilidade na maneira como os indivíduos e os grupos estigmatizados respondem às experiências de stress relacionado com estigma (Frost, 2011). Compreender as formas como as pessoas e os grupos respondem ao stress relacionado com o estigma é um esforço importante no estudo psicológico deste fenómeno. Não só é necessário compreender os efeitos nocivos do estigma social, é igualmente, se não mais importante, compreender como os estigmatizados são capazes de experienciar, resistir e superar as consequências limitantes do estigma.

1.1.3 Diferenças Individuais

As características individuais influenciam como as situações são percebidas e avaliadas; os níveis de sensibilidade ao estigma medeiam a interação social e a expectativa de poder vir a sofrer preconceito. Os indivíduos diferem na sua sensibilidade; a expectativa de preconceito conduz os indivíduos através de uma leitura do real muito particular, a uma vigilância atenta e permanente.

Ao serem estigmatizados, as pessoas que esperam ser tratadas com base na sua pertença ao grupo e não na sua identidade pessoal (i.e., consciência de estigma; Pinel, 1999) e / ou que são sensíveis à rejeição com base na sua pertença ao grupo (Mendoza-Denton et al., 2002), estão mais atentas às ameaças relacionadas com o estigma e têm maior probabilidade de avaliar o estigma como uma situação ameaçadora. Um exemplo significativo nesta avaliação; quanto maior a pontuação de indivíduos numa medida de consciência de estigma, mais provável é sentirem-se como alvo de discriminação a nível pessoal e do grupo (Pinel, 1999). Mais ainda, esperam ser tratados negativamente por membros do exogrupo (Pinel, 2002), sendo maior a atenção que atribuem a palavras subliminarmente apresentadas que possam ameaçar a sua identidade social (Kaiser, Vick, & Major, 2006).

Estudantes afro-americanos que obtiveram uma pontuação elevada numa medida de sensibilidade à rejeição ligada ao estigma, enquanto participantes de uma corrida, eram mais propensos, do que aqueles que obtiveram pontuação baixa nesta medida, a perceber experiências negativas relacionadas com a corrida e seu desempenho; bem como sentirem discriminação ao longo das três primeiras semanas na faculdade. Sentiram-se também negativamente avaliados pelos seus colegas de quarto e professores e mostraram maiores dificuldades em se sentirem aceites na faculdade (Mendoza-Denton et al. 2002).

Relativamente à sua identificação com o grupo, os indivíduos que consideram a sua identidade social estigmatizada como parte central da sua autoidentidade têm maiores probabilidades de se verem como alvos de discriminação pessoal e de grupo (e.g., Branscombe et al. 1999, Sellers & Shelton 2003), especialmente quando as sugestões de preconceito são atribuídas de forma ambígua (Major et al., 2003, Operario & Fiske, 2001); também são mais propensos a avaliar os impactos do estigma como auto relevantes. Consequentemente, relatam o aumento da ameaça e diminuição da autoestima em resposta ao preconceito percebido contra o endogrupo (McCoy & Major, 2003) e têm um desempenho mais pobre em situações onde o endogrupo é negativamente estereotipado (Schmader, 2002). Indivíduos que se identificam fortemente com os domínios em que seu grupo é negativamente estereotipado são mais propensos a considerar feedback de desempenho nesses domínios como auto relevante, aumentando o seu potencial para experimentar ameaça de identidade (Aronson et al., 2002). Por exemplo, os estudantes da América Latina que consideravam o seu desempenho em testes intelectuais como fundamentais para a sua

autoestima relataram uma autoestima mais baixa após um feedback de mau desempenho em comparação com aqueles que foram menos identificados como tal (Major et al.1998).

Os objetivos e os motivos dos indivíduos também moldam como vão perceber e avaliar as situações.

Dois motivos foram enfatizados na literatura sobre o estigma; um é o motivo para proteger ou aumentar a autoestima. As pessoas são mais propensas a perceber um avaliador como sexista ou racista, se eles recebem mais feedback negativo do que positivo dessa pessoa (e.g., Crocker et al., 1991). As pessoas também são motivadas a acreditar que o sistema é justo e que eles são tratados de forma justa (Jost & Major 2001, Jost et al. 2003, Major, 1994). A propósito de manter essas crenças, os membros de grupos estigmatizados podem deixar de se ver como vítimas de preconceitos mesmo na presença de indicadores de preconceito. Quanto mais fortemente os membros de grupos étnicos estigmatizados (Latino/a Americanos, Afro-Americanos) acreditam em um mundo justo e que qualquer indivíduo pode avançar independentemente da pertença a um grupo, menos provável é que relatem que eles pessoalmente ou membros de seu grupo são alvo de discriminação étnica; menos provável é também que sejam culpados de discriminação quando um membro de um grupo de status mais elevado (por exemplo, um Americano Europeu) os rejeita por um papel desejável (Major et al., 2002, estudo 2) e mais ameaça e menor autoestima relatam quando eles são confrontados com preconceitos contra si próprios ou contra o seu grupo (Major et al., 2005).

Os indivíduos têm uma variedade de necessidades de acordo com os contextos em que se encontram, mas a literatura fala das pessoas terem uma necessidade fundamental de se verem positivamente e se apresentarem positivamente aos outros e fala também da necessidade de preservar o senso de competência. Um sentido de competência pessoal pode proteger, em contextos de desempenho, quando os alvos atribuem um resultado negativo à discriminação (Crocker & Major, 1989).

Em suma, várias necessidades individuais podem interferir com as percepções da discriminação por parte de quem é alvo, resultando, por vezes, em vigilância permanente e excessiva à discriminação podendo conduzir a uma certa cegueira na avaliação. Se os alvos antecipadamente percebem ou não o preconceito em determinado contexto, é provável que dependa da necessidade que for contextualmente mais saliente no momento do seu comportamento (Barreto, 2015).

Consideradas as características situacionais e as pistas contextuais como fatores externos que podem ajudar ou dificultar que os indivíduos reconheçam a ocorrência de discriminação, há um número de necessidades e disposições individuais que podem afetar a probabilidade de que as pessoas percebam o tratamento tendencioso como decorrente da discriminação baseada em grupos.

Considerados os efeitos das diferenças individuais nas crenças sobre as propriedades do sistema social, argumenta-se que a convicção amplamente compartilhada de que os resultados diferenciais refletem diferenças no mérito individual reduzem a probabilidade de que as pessoas percebam ou reconheçam a discriminação baseada em grupos (Barreto et al., 2009). As pessoas diferem na medida em que possuem expectativas de preconceito e essas diferenças têm importantes resultados para o comportamento intergrupais, como emoções intergrupais, confiança institucional, amizades entre grupos e até mesmo desempenho acadêmico.

Trabalhos recentes sugerem que as diferenças individuais nas expectativas de preconceito, tais como a consciência do estigma ou a sensibilidade à rejeição ligada ao estigma; também podem ativar um sistema de motivação defensiva baseado na biologia que encoraja os indivíduos em direção a estímulos negativos para reagir adequadamente a eles (Downey & Feldman 1996). Kaiser et al. (2006), por exemplo, encontraram evidências que sugerem que mulheres com alto nível de consciência estigmatizada prestaram mais atenção a sugestões subliminares de ameaça social. Essa atenção pré-consciente aumentada, no entanto, respondia apenas a pistas de ameaça de identidade social; as indicações negativas ou neutras gerais não provocaram a mesma resposta. Da mesma forma, Downey e colegas mostraram que os indivíduos com alto nível de rejeição pessoal reagiam a sugestões relevantes de rejeição com uma resposta aumentada de pestanejar - um marcador da ativação do sistema de motivação defensiva - sugerindo que eles prestam muita atenção aos sinais de rejeição e facilmente percebem a rejeição no comportamento das outras pessoas. Há evidências, então, de que as pessoas que possuem expectativas de preconceito prestam atenção extra, talvez até mesmo atenção pré-consciente, às sugestões que sinalizam a rejeição baseada em grupos.

1.2 Emoções e Estigma

As emoções são fenómenos complexos e multidimensionais que compreendem fenómenos biológicos, fenómenos subjetivos, psicológicos e sociais; têm um cariz adaptativo em relação às mudanças do meio, podemos dizer que as emoções têm a finalidade de ajudar o organismo a manter a vida. Em termos psicológicos as emoções alteram a atenção, mudam certos comportamentos nas hierarquias de resposta e ativam redes associativas relevantes na memória (Damásio, 2000). As emoções influenciam diretamente as percepções através dos sentidos, afetando os processamentos de informação e as ações subsequentes. O comportamento humano é assim fortemente determinado pelas emoções (Damásio, 1995; Izard, 1991; Levenson, 1994). As emoções possuem um papel fundamental na socialização humana e as expressões faciais, são inquestionavelmente a via por excelência para comunicação das mesmas.

Damásio (2011, p.189) define emoção como sendo “a combinação de um processo de avaliação mental, simples ou complexo, com respostas disposicionais a esse processo, na sua maioria dirigidas ao corpo propriamente dito, resultando num estado emocional do corpo, mas também dirigidas ao próprio cérebro (núcleos neurotransmissores no tronco cerebral), resultando em alterações mentais adicionais”.

De acordo com a Teoria Diferencial das Emoções existem emoções que são fundamentais para a motivação humana: as emoções primárias. Estas emergem cedo no desenvolvimento do indivíduo, são inatas e transculturais e permanecem como parte estável no leque das emoções humanas (Dougherty, Abe & Izard, 1996; Izard & Buechler, 1980). Elas são consideradas independentes, pois apesar de serem frequentemente ativadas pela avaliação ou interpretação cognitiva, operam também em resposta a outros ativadores não cognitivos (e.g. alterações nos níveis hormonais, antecipação à dor).

Para estes autores as emoções primárias são o interesse, alegria, surpresa, cólera, nojo, desprezo, medo, angústia, vergonha, culpa e tristeza (tendo sido esta última acrescentada posteriormente).

A Teoria Diferencial das emoções defende que a consciência é organizada pelas emoções primárias que direcionam os processos sensoriais, perceptivos e cognitivos (Izard & Buechler, 1980)

Damásio (2000), fala de emoções primárias ou universais: alegria, tristeza, medo, cólera, surpresa ou aversão e emoções secundárias ou sociais, tais como a vergonha, o ciúme, a culpa ou o orgulho.

Nenhuma destas experiências deve ou pode ser categorizada como eminentemente positiva ou negativa, os seus efeitos e as suas causas dependem de aspetos intra-individuais e também da interação entre o indivíduo e o meio; ainda assim, classifica-se frequentemente, por conveniência, as emoções como positivas ou negativas de acordo com a menor ou maior probabilidade respetivamente de trazerem consequências indesejáveis para o sujeito. Emoções positivas são consideradas, o interesse, a alegria e a surpresa; como negativas as restantes oito emoções acima mencionadas (Izard,1991; Izard & Buechler, 1980). Ainda segundo Izard (1991), o mais adequado seria afirmar que existem algumas emoções que conduzem a uma certa entropia psicológica e outras que facilitam um comportamento construtivo e organizativo. Estas emoções, apesar de serem consideradas independentes pela autora, foram agrupadas de acordo com os resultados dos seus estudos que concluíram que elas ocorrem frequentemente em simultâneo.

Fazendo referência a Queirós (1997), as dimensões definidas designam-se por Adaptação Social Positiva (interesse e alegria), Expectativa (surpresa e angústia), Tríade da hostilidade (cólera, nojo e desprezo), Fuga (medo) e Responsabilização (vergonha e culpa).

Acrescentando significado ao conceito de estigma como sendo uma identidade social que é desvalorizada pelos outros em determinado contexto, Damásio (2000), fala das emoções como sendo inseparáveis da ideia de recompensa ou de castigo, de prazer ou de dor, de aproximação ou afastamento, de vantagem ou desvantagem pessoal. Deste modo, são inevitavelmente inseparáveis da ideia do bem e do mal.

Relativamente ao Nojo, a emoção mais relacionada com este estudo, estes autores, dizem ser, como breve descrição das características gerais e principais causas, uma resposta a algo físico ou psicologicamente deteriorado. Parece, no entanto, ter uma dimensão psicológica reduzida remetendo para algo mais instintivo e neuro químico. Quanto às causas do ponto de vista físico os alimentos parecem ser potenciais desencadeadores e do ponto de vista psicológico, registam-se as situações ou os indivíduos moralmente aversivos. Esta

emoção associa-se frequentemente ao desprezo e à cólera e pode associar-se também à tristeza.

Relativamente á diversidade cultural e universalidade das expressões faciais das emoções, autores como Matsumoto, Hwang e Yamada (2010) destacam que, nas diferentes culturas, as taxas de reconhecimento de emoções básicas expressas em faces humanas são elevadas e estatisticamente significativas, embora, com a exceção do sorriso, a coincidência entre culturas quase nunca é perfeita. Esta informação aponta para a influência do tipo de expressão emocional e especialmente do nível de intensidade da mesma, para uma maior ou menor uniformidade e proximidade na atribuição das emoções nas diferentes culturas. Indivíduos de diferentes culturas diferem também na intensidade emocional que eles atribuem às expressões faciais das emoções (Matsumoto e Ekman, 1989), pois uma das funções da cultura é atribuir significados para os vários eventos que ocorrem no cotidiano, que é partilhado e que não fazem parte do passado evolutivo (Matsumoto,2009).

Muitos autores têm escrito sobre a universalidade das emoções, há vários estudos disponíveis sobre expressões faciais das emoções básicas em diferentes culturas, é inquestionável a importância da experiência cultural para a compreensão das emoções.

1.2.1 Percepção de emoções no rosto dos outros

As emoções estão presentes em diferentes espécies animais, possuem um papel importante na comunicação, favorecendo a adaptação do organismo, dos indivíduos (Darwin, 2004). As expressões faciais, como formas de manifestação de estados emocionais, orientam comportamentos e podem aumentar a possibilidade de reprodução bem como oportunidades de sobrevivência e em última instância, continuidade das espécies. Nas relações entre humanos, as emoções possuem um papel preponderante durante todas as etapas do ciclo da vida, seja nos relacionamentos mais íntimos, nas interações familiares, no desempenho profissional; elas auxiliam a adaptação às diversas situações da vida.

Pessoas capazes de compreender as suas emoções, bem como as dos outros ao seu redor tendem a conseguir uma melhor qualidade de vida e melhores interações sociais (Ekman, 2011). Conhecer as emoções implica complexidade, o seu reconhecimento e

especificamente das expressões emocionais em rostos humanos é um dos componentes fundamentais para a utilização saudável das mesmas (Izard, 2001). Há evidências de que estados e traços podem afetar a percepção da expressão da emoção facial (Hugenberg & Bodenhausen, 2003; Niedenthal et al., 2000). O reconhecimento de expressões faciais das emoções é apresentado na literatura como um passo importante para a regulação emocional, esta afeta diretamente o funcionamento individual e social, possibilitando aos indivíduos utilizar as emoções de maneira adaptativa (Izard, 2002). A cara é por excelência o meio de expressão emocional e muito importante na interação social (Ekman & Friesen, 1969). Os indivíduos regulam e modelam os seus comportamentos (Niedenthal et al., 2000), através das informações que recebem neste processo de comunicação, onde são recetores e, simultaneamente, emissores; os conteúdos das suas interações assumem pleno significado através das emoções expressas e da percepção que cada indivíduo tem sobre elas.

As expressões faciais são monitorizadas durante as tentativas de regular as emoções dos outros e o próprio comportamento, elas são na interação social pistas orientadoras essenciais (Salovey & Mayer, 1990). A título de exemplo, se um indivíduo observa que um amigo está triste, ele pode contar uma piada ou fazer outras tentativas de regulação emocional monitorizando a expressão facial do amigo para avaliar o impacto da sua intervenção. Um vislumbre de um sorriso pode encorajar o indivíduo a prosseguir com as suas tentativas de regulação emocional; pelo contrário, um olhar franzido poderia impedi-lo de continuar completamente, pelo menos com as tentativas de ser engraçado. Por fim, as mudanças nas expressões faciais são monitorizadas com o objetivo de avaliar as atitudes do outro (Hess, Kappas & Scherer, 1988) e orientar as do interlocutor da interação.

Na orientação da interação social, na tentativa de regular as emoções dos outros e na avaliação das atitudes dos outros, os indivíduos monitorizam as mudanças nas expressões faciais. Parece óbvio, contudo, que os recetores não estão isentos de viés. Em ambos os seus julgamentos e em seus comportamentos, os indivíduos por vezes revelam que têm exagerado ou minimizado a natureza ou a intensidade de uma emoção facial expressa. Um preditor bastante robusto de precisão na descodificação da expressão facial da emoção é o género. Em média, as mulheres descodificam a expressão facial das emoções com mais precisão do que os homens (Hall, 1984). Uma exceção é a expressão facial da raiva, que os homens parecem descodificar com mais precisão e, às vezes, mais rápido do que as mulheres, especialmente se

o interlocutor é do sexo masculino (Hess, Blairy & Kleck, 1997; Wagner, MacDonald & Manstead, 1986).

Dada a frequência de mal-entendidos na interação social e na comunicação social, parece razoável supor que a percepção da expressão facial está sujeita a outros vieses estáveis e também transitórios, (Niedenthal et al., 2000).

Pesquisas têm repetidamente ilustrado como estados psicológicos, diferenças individuais e situações específicas podem moldar a percepção. Isto foi demonstrado por Bruner e Goodman (1974), que mostraram que os valores e as necessidades de uma criança poderiam afetar as suas estimativas do tamanho que teriam várias moedas. Recentemente, os pesquisadores mostraram que a percepção de rostos e afeto facial também pode ser influenciada por esses estados e traços. As emoções que sentimos, por exemplo, podem determinar quanto tempo vemos emoções semelhantes no rosto de outra pessoa. Usando um novo método, Niedenthal, Halberstadt, Margolin e Innes-Ker (2000), fizeram os participantes assistirem a um pequeno filme mostrando o rosto de uma pessoa expressando uma emoção específica (por exemplo, felicidade) que gradualmente mudou para uma segunda emoção (por exemplo, tristeza). Os participantes - que foram induzidos a sentir emoções específicas - foram convidados a indicar quando a expressão inicial se dissipou. Os resultados mostraram que expressões congruentes de emoção (e.g., percebendo a felicidade após serem induzidas com felicidade) foram percebidas como durando mais do que expressões de emoções incongruentes (e.g., tristeza após ser induzida com felicidade). Isso sugere que estados emocionais específicos podem melhorar o processamento perceptivo de emoções semelhantes em outros.

Usando a mesma metodologia, Hugenberg e Bodenhausen (2003), mostraram que os participantes brancos com elevado preconceito racial implícito percebem a raiva exibida por um rosto negro aparentemente durante mais tempo, do que os participantes brancos com baixo nível de preconceito implícito. Isso sugere que os brancos altamente preconceituosos são tendenciosos para afetar estereótipos percebidos nas faces pretas, mas não nas brancas. Há evidência então, que estados e traços, podem afetar a percepção da emoção facial e que é assim possível que uma diferença individual como a consciência do estigma possa influenciar a percepção da expressão emocional.

No que concerne à percepção de emoções por indivíduos estigmatizados, Inzlich e colegas mostraram que um indivíduo que experimenta estigmatização crónica pode

desenvolver expectativas de preconceito sobre ser rejeitado ou estereotipado. Essas expectativas de preconceito podem realmente moldar a forma como os indivíduos estigmatizados vêem rostos isso leva-os a ver, a sentir, emoções de rejeição mais prontamente e fluentemente. Em dois estudos feitos nesta investigação que se faz menção, os participantes assistiram a uma série de filmes gerados por computador mostrando faces animadas que se modificavam de expressões de rejeição (isto é, desprezo e raiva) para aceitação e indicavam quando a expressão inicial de rejeição mudava. Estes investigadores, avaliaram também a consciência do estigma. O estudo 1 testou a conexão entre a consciência de estigma baseada no género e percepções de desprezo em rostos masculinos e femininos entre as participantes do sexo feminino. O estudo 2 examinou essa conexão tanto para homens como para mulheres e para percepções de desprezo e raiva. Os resultados mostram que as expectativas de preconceito levam os indivíduos a interpretar os rostos do exo grupo, como sendo mais rejeitantes do que os rostos do endogrupo mas apenas para perceptores femininos e não para masculinos. Além disso, os resultados obtidos sugerem que as expectativas de preconceito afetam a percepção de desprezo, mas não a de raiva, são discutidos em relação às relações intergrupais e à emoção. Estes dados fornecem uma visão de como a exposição ao preconceito forma a maneira como os membros de grupos estigmatizados interpretam e percebem o seu ambiente social e sugerem que mesmo a percepção de há mais tempo, dos rostos, pode ser moldada pelas expectativas. A estigmatização crónica, que persiste no tempo, pode conduzir a um roteiro de rejeição intergrupais. Os indivíduos diferem relativamente à sua sensibilidade ao serem estigmatizados (Pinel, 1999).

O rosto assume total importância como meio de expressão emocional durante as interações sociais (Elkman & Frisen, 1969). Indivíduos que cronicamente esperam ser tratados de forma prejudicial (e.g., indivíduos estigmatizados) tendem a perceber a rejeição de emoções nos rostos dos outros.

Nos grupos estigmatizados o enviesamento pode ser em relação a emoções diferentes, as experiências realizadas por estes autores incidiram sobre o desprezo. O desprezo é uma emoção interpessoal que inclui avaliações negativas e sentimentos de superioridade sobre outro (Wagner, 2006). É também uma emoção de rejeição dirigida a pessoas que podem ser tratadas como membros de um exo grupo (Oatley & Jenkins, 1996). Em grupos estigmatizados diferentes, o enviesamento pode acontecer em relação a emoções diferentes, não só o desprezo. Grupos diferentes podem ser enviesados de forma diferente e

em perceber emoções diferentes (Dasgupta, et. al., 2009). Emoção específica para grupos específicos, de acordo com a literatura disponível. Outras emoções são também objeto de estudo para análise deste enviesamento, o nojo, como indicador de reação aversiva (Rozin, Haidt & McCauley, 1999).

1.2.2 Homossexualidade e Nojo

“The emotion of disgust is evoked by substances such as urine, vomit, blood, and feces, but also plays a significant role in human social and moral judgment” (Bloom, 2004; Rozin, Haidt, & McCauley, 2000).

O Nojo é uma emoção primitiva, talvez uma das mais incontrolláveis da nossa espécie. Caracteriza-se por um ímpeto de afastamento e repulsa, associado a um evitamento e distanciamento do estímulo. A complexidade da emoção nojo reflete a complexidade de uma espécie; podemos dizer, que de uma perspectiva evolucionista, nojo corresponde a um mecanismo de defesa, que nos protege ao provocar sentimentos de repugnância de algo que se constitui como nocivo ou ameaçador.

Nussbaum (2004), seguindo estudos realizados por Rozin (1986) e Miller (1997), afirma que o nojo representa, com toda a sua polivalência, uma espécie de rejeição a uma possível contaminação, sendo o seu principal objetivo a advertência sobre a vulnerabilidade humana física ou de natureza moral.

Ao longo da história, certas propriedades de repulsa como o mau cheiro, viscosidade, decadência, impureza, têm sido repetidamente e monotonamente associadas a grupos tendo por referência outros grupos considerados privilegiados os quais definimos o seu status humano como superior. Judeus, mulheres, homossexuais, intocáveis (no sentido da repulsa), pessoas de classe baixa; tudo isso é imaginado como manchado pela sujidade do corpo (Nussbaum, 2001).

A amplitude de contextos onde o nojo se manifesta desafia uma explanação teórica global deste fenómeno, que vários autores têm vindo a investigar, a respeito do conteúdo representacional desta; “o nojo está a tornar-se uma emoção modelo” em toda a sua complexidade e abrangência” (Haidt, 2005). É reconhecida e experienciada universalmente

(Ekman et al., 1969; Susskind et al., 2008), nas diferentes culturas parece ter indutores comuns (Oaten, Stevenson & Case, 2009).

A expressão facial típica do nojo, uma das mais salientes entre todas as emoções, é formada pela elevação do lábio superior e enrugamento da testa. Em manifestações mais acentuadas é acompanhada pela protrusão da língua, que emula o movimento de expelir algo desagradável da boca (Darwin, 2012), um comportamento que significa um afastamento do indutor; desencadeia também uma reação fisiológica que inclui diminuição da pressão arterial e aumento da resposta imunitária, náuseas e por vezes vômitos (Curtis, de Barra & Auger, 2011). O nojo surge por variadas causas, pode ser desencadeado por animais, tais como insetos, mas também por vômito, sangue, excrementos e pode ser também despoletado por comportamentos, ideias, práticas sexuais aberrantes, tal como incesto e zoofilia e mesmo a homossexualidade. Independentemente do que faz desencadear nojo, as reações fisiológicas e comportamentais a esta emoção parecem essencialmente as mesmas. Outra ideia subjacente à emoção de nojo é a percepção de contágio que parece estar associado. Numa experiência realizada, indivíduos mostraram aversão perante a proposta de vestir um casaco lavado pertencente a outra pessoa, se esta fosse doente com tuberculose, ou, e principalmente, se esta pessoa fosse Adolf Hitler. Ao analisar comportamentos parece que tanto a doença como a imoralidade estão sujeitos aos mesmos mecanismos de contaminação (Rozin et al., 1994).

Em dois estudos realizados usando dois métodos diferentes para testar intuições morais, Inbar, Pizarro & Bloom (2012), demonstraram que indivíduos com alta sensibilidade ao nojo, evidenciaram avaliações morais muito negativas relativamente a pessoas gays e indivíduos com comportamento sexual com pessoas do mesmo sexo, ou seja, uma predisposição para uma maior sensibilidade ao nojo está associada à desaprovação intuitiva relativamente aos homossexuais. Como era previsível, os participantes mais sensíveis ao nojo eram, tanto mais prováveis como eram os homens gays intencionalmente encorajados a beijar-se publicamente, mesmo que a maioria dos participantes não pensasse explicitamente que era errado encorajar os homossexuais a beijarem-se em público. Nenhum efeito desse tipo ocorreu quando os sujeitos foram questionados sobre o beijo heterossexual (Inbar, Pizarro, Knobe, & Bloom, 2009).

Em pesquisas anteriores, mostrou-se também que as pessoas têm maior probabilidade de descrever um comportamento como intencional quando o veem como moralmente errado (Knobe, 2006)).

O estudo 2 utilizou o Teste de Associação Implícita (IAT, Nosek, Banaji & Greenwald, 2006) como medida dependente, quanto mais sensíveis eram os participantes ao nojo, mais apresentavam associações automáticas desfavoráveis com os gays em oposição aos heterossexuais.

Outras investigações foram realizadas no sentido de viabilizar hipóteses de grupos diferentes poderem estar associados a diferentes reações emotivas; nesta experiência, um cheiro desagradável era libertado no espaço, assim que os participantes chegavam; na outra condição, (condição controlo), nenhum cheiro era libertado. Na primeira condição, os participantes demonstraram maior preconceito em relação a participantes do que na outra condição. A diferença na avaliação dos participantes só foi observada para o grupo social de homossexuais do sexo masculino, mas não para outros grupos como americanos, africanos, ou idosos, como seria esperado se o nojo tivesse um efeito geral no preconceito dos participantes (Inbar et al., 2012).

Percebemos de acordo com estes estudos e literatura disponível, que o nojo predispõe a atitudes mais negativas em relação a todo um grupo social: os participantes que foram expostos a um odor ambiental nocivo relataram menos calor (de acordo com a experiência acima relatada), em relação aos homens gays. Esse efeito do nojo era igualmente forte para os liberais e conservadores políticos e era específico para as atitudes relativas aos homens gays.

Hodson e Costello (2007) descobriram que uma tendência para experimentar nojo interpessoal era preditiva de xenofobia e atitudes negativas em relação a grupos estigmatizados; percebe-se como a retórica sobre o nojo ao longo do percurso humano tem sido usada em diferentes contextos contra grupos marginalizados.

Inzlicht et al. (2008) demonstraram que indivíduos que repetidamente esperam ser tratados de forma preconceituosa (e.g., indivíduos estigmatizados) enviesam a percepção de emoções nas expressões faciais dos outros. Neste estudo, pondera-se que homossexuais masculinos em comparação com heterossexuais masculinos façam o enviesamento especificamente na percepção em relação à emoção nojo na cara dos outros, ou do exo grupo.

Foi feita referência em capítulos anteriores como os efeitos do estigma, as diferenças individuais, conferem uma leitura das emoções que intervêm nas relações, dependendo também de contextos específicos como de alguns grupos socialmente estigmatizados. Dasgupta, DeSteno, Williams e Hunsinger (2009), demonstraram que

emoções específicas têm diferentes efeitos em atitudes implícitas em relação a grupos sociais específicos.

Capítulo II

Parte Empírica

2.1 Objetivos e Hipóteses

O objetivo deste estudo é perceber se indivíduos estigmatizados fazem um enviesamento na percepção de emoções específicas no rosto dos outros. Vai-se comparar indivíduos estigmatizados com indivíduos não estigmatizados, neste estudo concretamente, homossexuais masculinos em comparação com heterossexuais masculinos.

O estudo que serve de suporte teórico a esta investigação mostrou que os indivíduos que repetidamente esperam ser tratados prejudicialmente, ou negativamente (e.g., mulher preocupada com sexismo) têm tendência para perceber emoções de rejeição expressas nos rostos dos outros (e.g., desprezo; Inzlicht et al., 2008). Deste modo, outro objetivo deste estudo é avaliar o potencial efeito moderador das expectativas ligadas ao estigma (e.g., rejeição ligada ao estigma) no enviesamento da percepção de emoções faciais por indivíduos estigmatizados.

Investigação e literatura disponível mostram que diferentes grupos estigmatizados são associados a diferentes reações emotivas (Dasgupta et al., 2009), e a homossexualidade masculina é frequentemente ligada a reações de nojo físico e moral (Bloom, 2004; Rozin, Haidt & McCauley, 2000).

Evidências mais convincentes para a causalidade envolveriam mostrar que induzir o nojo experimentalmente pode dar origem a avaliações negativas de todo um grupo social. Dasgupta et. al., 2009, demonstraram que as emoções específicas (i.e., repulsa e raiva) têm efeitos diferenciados sobre atitudes implícitas em relação a grupos sociais específicos. Usando uma medida comum de atitudes implícitas (a Tarefa de Associação Implícita (IAT)), os autores demonstraram que a indução de repulsa nos participantes (por meio de imagens nojentas e escrita autobiográfica) levou a atitudes implícitas mais negativas em relação à homossexualidade, conforme medido pela versão gay direta do IAT (enquanto induzir raiva levou a atitudes implícitas mais negativas em relação aos árabes).

Consequentemente, neste estudo espera-se que homens homossexuais, em comparação com homens heterossexuais, façam um enviesamento na percepção da expressão

de nojo na cara de outros (Hipótese 1). Com base nos resultados de Inzlicht e colegas (2008), espera-se que este enviesamento seja moderado pela perceção do estigma da homossexualidade (Hipótese 2) e pela perceção de rejeição interpessoal ligada ao estigma da homossexualidade (Hipótese 3). A variável dependente são os tempos de reação aos vídeos do instrumento que foi elaborado para este estudo específico. Não há, efetivamente, muitos estudos realizados na perspetiva de quem é estigmatizado, Inzlicht et al. descobriram que as mulheres (contra homens) com elevada consciência estigma (ou seja, uma preocupação sobre ser alvo de estereótipos de género) viram o desprezo permanecer mais tempo nos rostos de homens (vs. Mulheres) alvos cuja expressão estava mudando. Os autores sugerem que os indivíduos que esperam ser tratados prejudicialmente estão inclinados para perceber as emoções de rejeição (e.g., desprezo e raiva) nos rostos dos outros. Concordaram que pessoas preocupadas com a rejeição são sensíveis aos rostos que expressam raiva e desprezo.

2.2 Método

2.2.1 Amostra

A amostra é constituída por 95 participantes: 44 indivíduos homossexuais masculinos e 51 heterossexuais do sexo masculino pertencentes ao grupo de controlo, recolhidos aleatoriamente da população em geral. Para a recolha de dados contactei com amigos, pessoas conhecidas com quem partilhei a investigação que estava a realizar e solicitei contactos de pessoas que se disponibilizassem a participar.

Os contactos foram surgindo e deram outros contactos e a amostra foi-se construindo até chegar ao número total acima mencionado.

O Bar TR3S Lisboa foi também um local por excelência que contribuiu para este número, fiz um contacto direto com o proprietário, que autorizou de imediato que fizesse a recolha de dados entre os clientes frequentadores do bar; os barmans colaboraram também na angariação de participantes para este estudo, solicitando a participação aos presentes no momento da recolha de dados. Toda a amostra é de Nacionalidade Portuguesa, durante a recolha um sujeito de Nacionalidade Francesa manifestou o seu interesse em participar, contudo, após a sua participação foi eliminado, dado que não tinha um entendimento claro da experiência pelas dificuldades de linguagem. Demorou um tempo muito superior ao esperado

e as respostas foram dadas com ajuda de tradução por um amigo presente. Foi considerado sem condições de manter na amostra para não enviesar os resultados do grupo.

Um outro indivíduo, durante a participação, informou a investigadora presente que teria selecionado erradamente o número correspondente ao seu grupo de Habilitações académicas (selecionou o 1-Sem habilitações), deveria ter selecionado 5-Ensino superior; como a restante participação se manteve em conformidade com o esperado, não comprometendo parâmetros de recolha de dados, manteve-se o participante.

Relativamente às Idades a experiência foi construída com seis grupos etários, com idades compreendidas entre os 18 anos e > 64. Os intervalos são entre 18-24 anos, 25-34 anos, 35-44 anos, 45-54 anos, 55-64 anos, >64 anos; 14 participantes (15% da amostra) com idades entre os 18 e 24 anos, dos quais 6 heterossexuais e 8 homossexuais, 17 participantes (18% da amostra) com idades entre 25 e 34 anos, dos quais 5 heterossexuais e 12 homossexuais, 26 participantes (27% da amostra) com idades entre os 35 e 44 anos, dos quais 14 heterossexuais e 12 homossexuais, 31 participantes (33% da amostra) com idades entre os 45 e 54 anos, dos quais 20 heterossexuais e 11 homossexuais e 7 participantes (7% amostra), com idades entre os 55 e 65, dos quais 7 são heterossexuais e 1 homossexual, a média de idades está entre 35,44 e os 44,1 anos.

Todos os participantes são do sexo masculino; relativamente á orientação sexual, 53,68% são heterossexuais e 46,3% são homossexuais.

As habilitações académicas distribuem-se da seguinte forma: Sem habilitações 1% da amostra, com o Ensino primário nenhum indivíduo, com o Ensino preparatório 4% da amostra, com o Ensino secundário 36% e por fim com o Ensino superior 58%.

Sobre Estatuto ocupacional, os dados recolhidos mostram que 7% da amostra está desempregada, 80% está no ativo, 7% é estudante e 6% são reformados.

Em relação ao Estado civil na nossa amostra há 43% de sujeitos solteiros, 45% são casados ou em regime de união de facto, 6% são divorciados ou separados, 6% são viúvos.

2.2.2 Instrumento

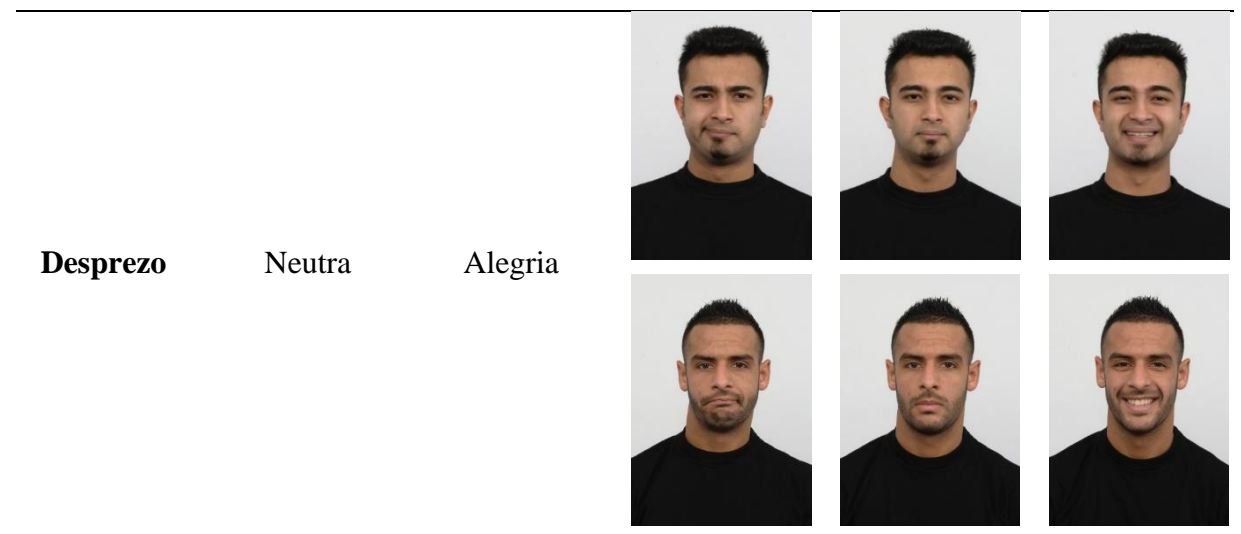
Para a realização desta investigação segui um procedimento baseado na Niedenthal et al. (2000) Hugenberg e Bodenhausen (2003) e Inzlicht et al. (2008); foi construído um

instrumento de medida que consta de uma série de vídeos que mostram caras masculinas animadas mudando progressivamente de expressão; por exemplo, uma cara com uma expressão feliz a mudar para uma expressão de desprezo.

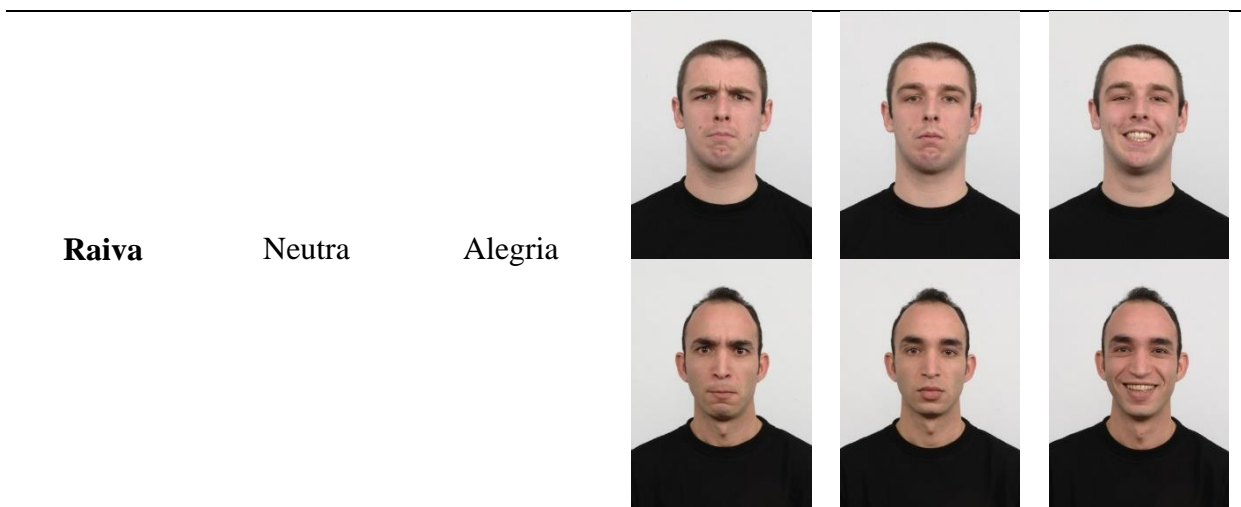
As caras ou faces que constituem os vídeos foram escolhidas de uma base de dados de fotografias de acesso livre e gratuito Radboud Faces Database (Langner et al., 2011). Foram selecionadas fotos de indivíduos adultos, todos do sexo masculino, caucasianos, com o olhar direto, tiradas de um ângulo de câmara de 90°. Os modelos vestem uma t-shirt preta e não usam nenhum tipo de acessório ou o cabelo sobre o rosto. Cada um dos modelos nas fotos desta base de dados apresenta seis expressões emocionais primárias (Ekman, 2003): raiva, nojo, medo, alegria, tristeza, desprezo e uma neutra, num total de 67 modelos e 120 imagens por modelo. Destas, para este estudo foram utilizados 16 modelos masculinos, num total de 51 fotos com expressões faciais representativas das emoções acima mencionadas, numa conjugação intercalada pela expressão facial neutro.

Com os 16 modelos escolhidos e as 51 fotos dos mesmos, foi usado o software de morphing Fantamorph5 standard por forma a se obter uma sequência animada entre três fotos de emoções diferentes passando pelo neutro, com duração aproximada de 15 segundos cada sequência, ou seja, cada filme, num total de 20 vídeos. Foram preparados dois vídeos para cada emoção em estudo, para o instrumento, que foi construído numa ordem de negativo para positivo passando pela expressão neutro. A expressão neutra ou não expressão emocional é, em termos da dimensionalidade das emoções, aquela de menor grau de excitação ou intensidade (Fernandéz-Abascal et al., 2010). A sequência é de: Desprezo, Neutro, Alegria (Quadro 1.1); Raiva, neutro, Alegria (Quadro 1.2); Medo, neutro, Alegria (Quadro 1.3); Tristeza, neutro, Alegria (Quadro 1.4); nojo, neutro, Alegria (Quadro 1.5).

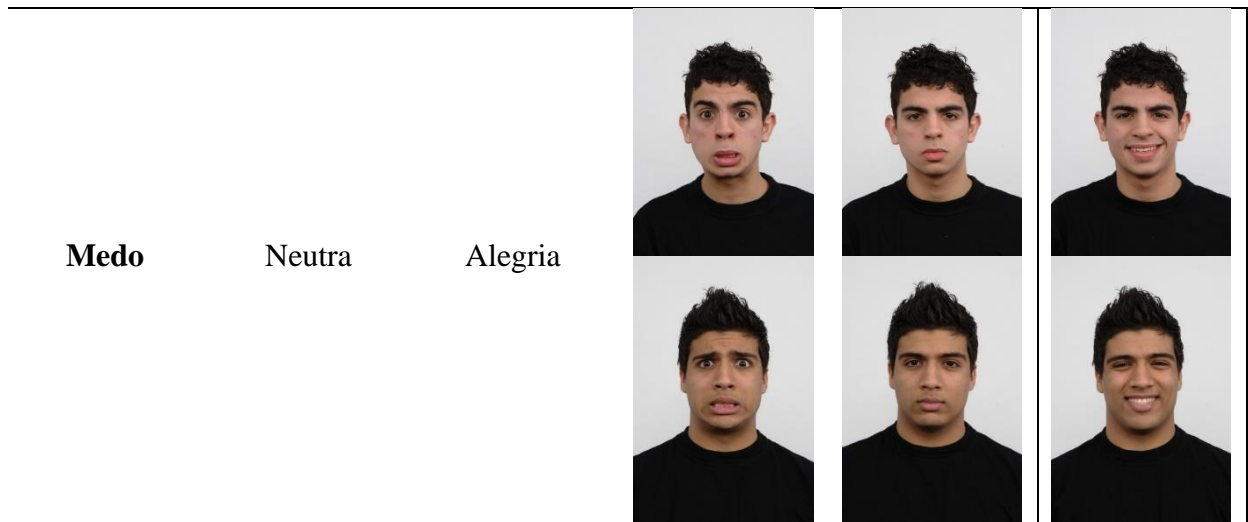
Quadro 1.1 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção **Desprezo***



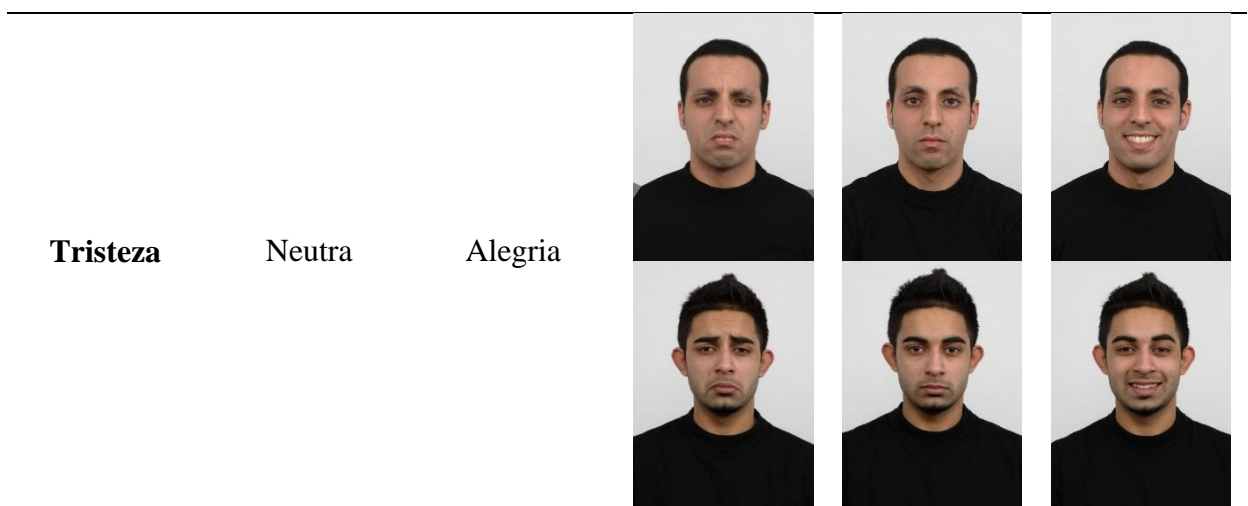
Quadro 1.2 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção **Raiva***



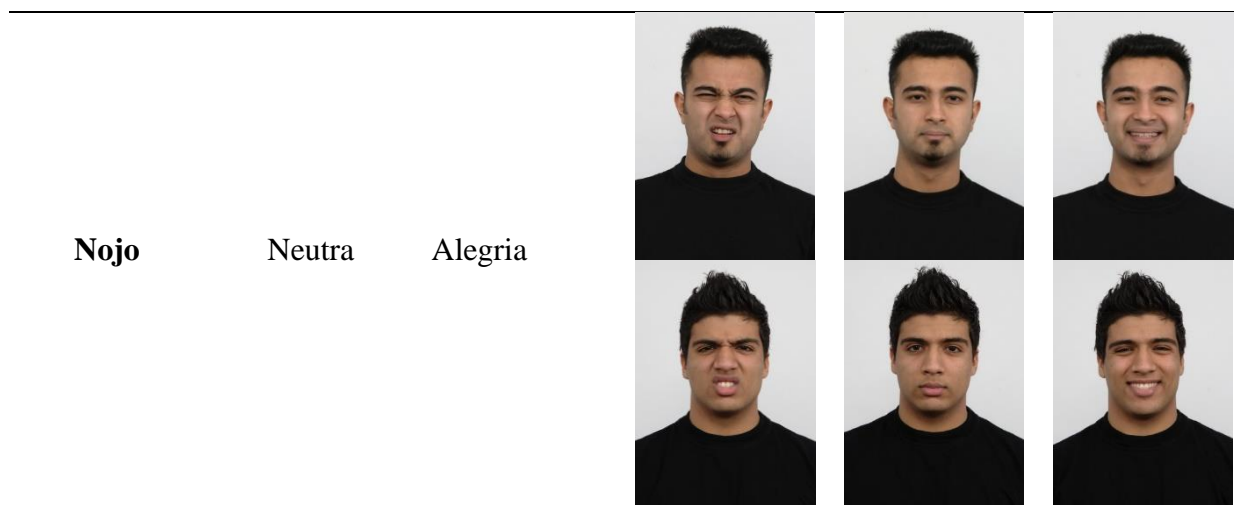
Quadro 1.3 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Medo*



Quadro 1.4 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Tristeza*

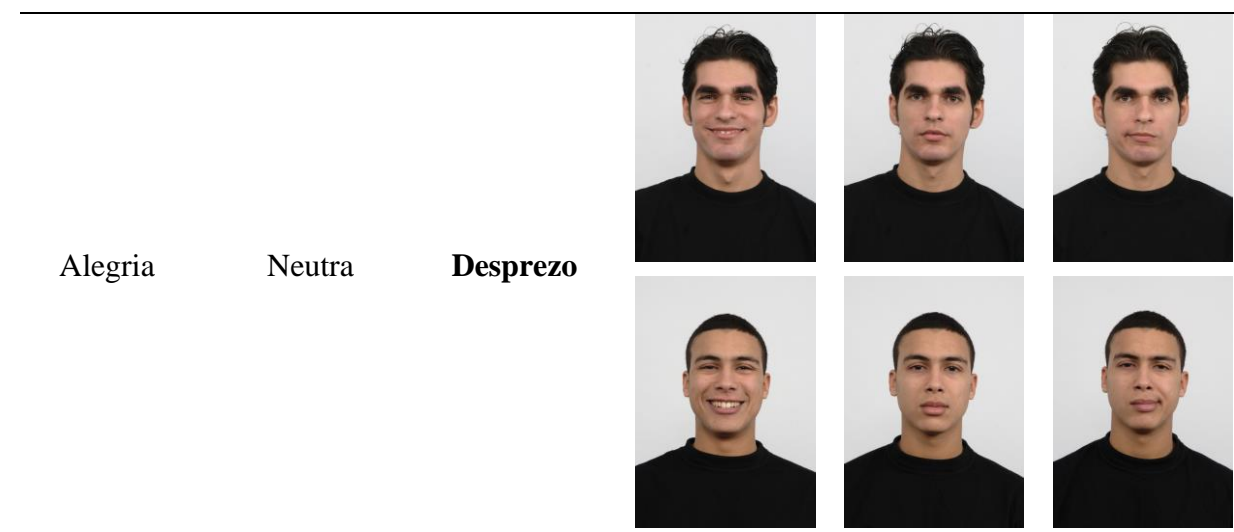


Quadro 1.5 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Nojo*

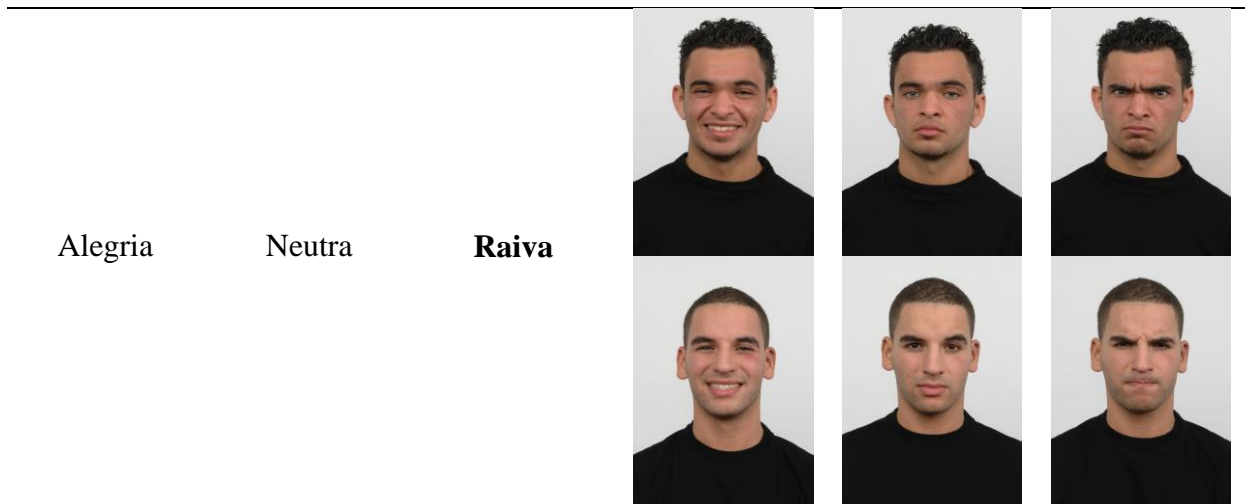


Seguem-se os vídeos, pela ordem contrária na sequência de emoções acima referida partindo da Alegria para expressão Negativa passando pela expressão neutro; Alegria, neutro, Desprezo, (Quadro 2.1); Alegria, neutro, Raiva, (Quadro 2.2); Alegria, neutro, Medo, (Quadro 2.3); Alegria, neutro, Tristeza, (Quadro 2.4); Alegria, neutro, Nojo, (Quadro 2.5).

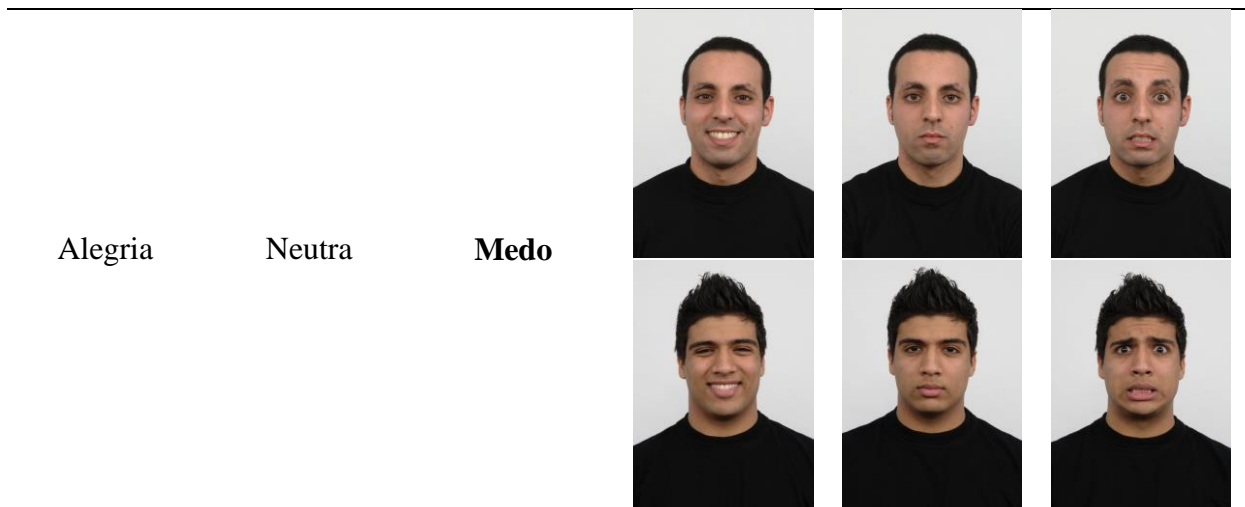
Quadro 2.1 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Alegria para Desprezo*



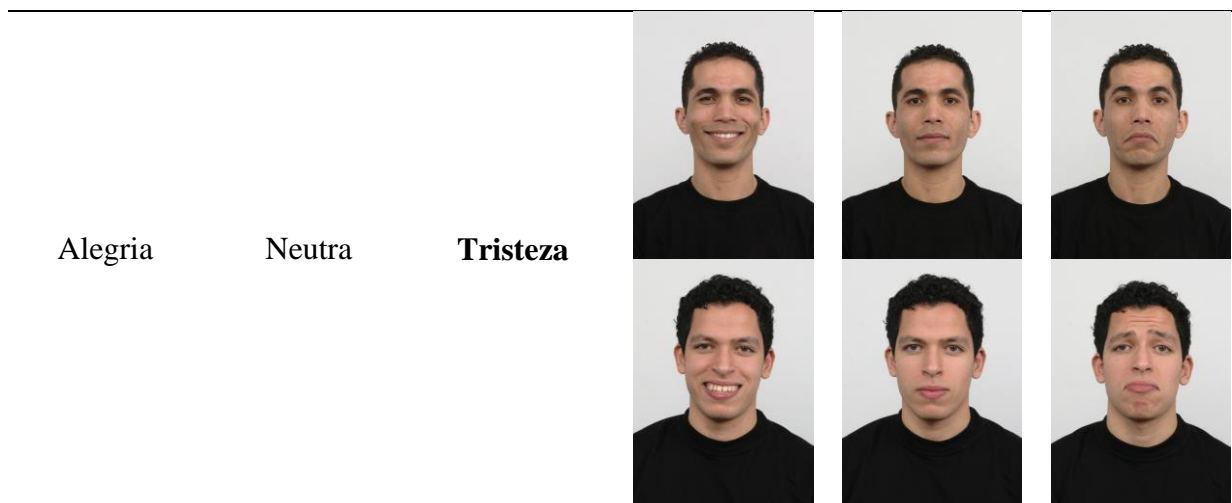
Quadro 2.2 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Alegria para Raiva*



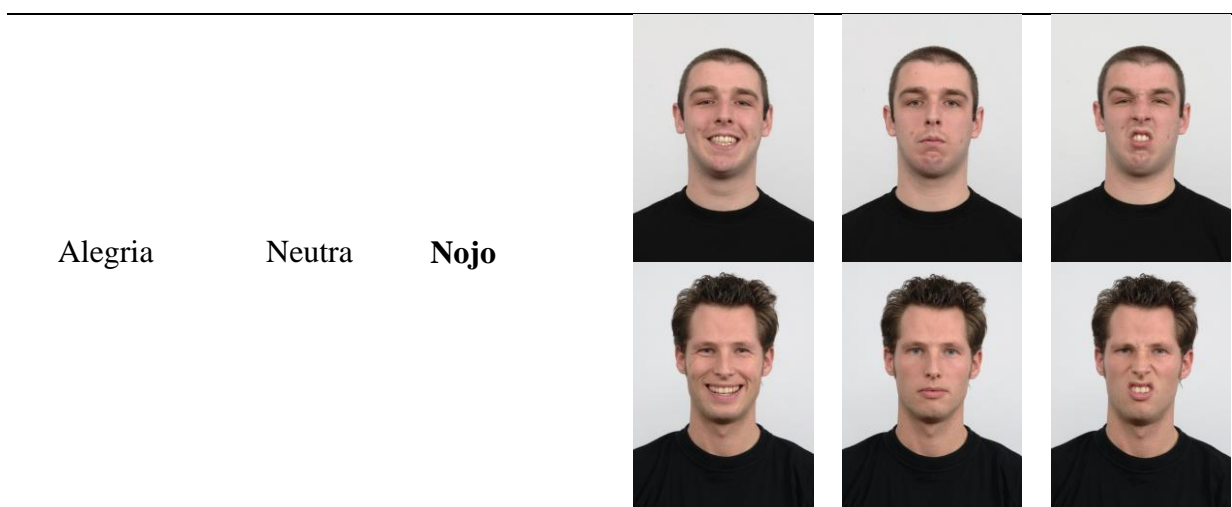
Quadro 2.3 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Alegria para Medo*



Quadro 2.4 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Alegria para Tristeza*



Quadro 2.5 – *Dois modelos masculinos, no total de 6 fotos, com expressão facial representativa das emoções, partindo da emoção Alegria para Nojo*



A Radboud Faces Database (RaFD) apresenta bons parâmetros e controlo de algumas características técnicas, tais como o fundo da imagem ou a luminância, bem como direção do olhar ou o ângulo da câmara, idade e sexo do modelo; características importantes para melhor enquadrar e perceber a expressão facial. Esta base de dados torna-se um elemento significativamente importante na construção deste instrumento; para a investigação

na área do reconhecimento facial, das dinâmicas emocionais e da interação social, o que nos motivou para a sua utilização neste estudo.

Estudos recentes mostram a importância da tridimensionalidade e a animação dos estímulos poder facilitar a tarefa do reconhecimento das expressões faciais, ao tornar as expressões mais realistas (Dores et al., 2013). Percebendo esta informação e também porque a maioria dos trabalhos realizados têm recorrido à apresentação de diapositivos fotográficos estáticos optou-se por animar as imagens/fotos e construir filmes de aproximadamente 15 segundos cada um.

Concluída a primeira tarefa, a apresentação de uma série de 20 vídeos que mostram caras masculinas animadas mudando progressivamente de expressão facial, em que a participação esperada é selecionar o momento de passagem de uma expressão para outra. De seguida passou-se à segunda tarefa.

Na segunda tarefa os participantes leram afirmações que se referem a como as pessoas vêem a homossexualidade masculina e manifestaram o seu nível de concordância sobre cada uma delas. Estas afirmações correspondem a duas escalas e foram aplicadas por esta ordem: Escala de Percepção de Estigma (Link,1987) e Escala de Rejeição Interpessoal Relacionada com o Estigma (Wahl,1999).

A escala de percepção de Estigma, percepção ligada ao estigma da homossexualidade como orientação sexual, é constituída por 12 itens que acedem ao constructo de estigma percebido. O item 11: “A maioria das pessoas não se importa em namorar com alguém que fosse homossexual”; foi retirado por não fazer sentido no contexto do estudo.

Foi adaptada a escala na versão The Substance Abuse Perceived Stigma Scale (SAPSS) de Link (1987), de indivíduos com problemas de abuso de substâncias para homossexuais masculinos, com um alpha de cronbach de =.89.

Os itens são pontuados numa escala de Likert de 7 pontos, sendo 1 = Discordo Totalmente e 7 = Concordo Totalmente, os números intermédios representam 2 = Discordo, 3 = Discordo um pouco, 4 = Não concordo nem discordo, 5 = Concordo um pouco e 6 = Concordo. De acordo com esta escala os participantes manifestam o seu grau de concordância com cada uma das afirmações. Exemplo de itens incluídos: “A maioria das pessoas contrataria um homem homossexual para cuidar dos seus filhos.” Ou “A maioria das pessoas não desconsidera um homem por ser homossexual”.

A escala original, The Mental Health de Link (1987), obteve um coeficiente alpha de Cronbach = .82; na versão The Substance Abuse Perceived Stigma Scale (SAPSS), Substituiu-se pacientes com doença mental por indivíduos com problemas de abuso de substâncias e nesta escala o alpha de Cronbach foi = .89.

A segunda escala utilizada permite ter a perceção sobre a rejeição ligada ao estigma, Escala de rejeição Interpessoal relacionada com o estigma (Wahl, 1999), inicialmente foi desenvolvida para avaliar a sensibilidade à rejeição dos doentes mentais, neste estudo adaptado para homossexuais masculinos, em que medida os homossexuais sentem a rejeição interpessoal devido à sua orientação sexual. Também, á semelhança da escala anterior é uma escala de 7 pontos de Likert, sendo 1 = Discordo Totalmente e 7 = Concordo Totalmente; sendo que a pontuação mais alta significa uma maior sensibilidade à rejeição interpessoal a propósito de ser homossexual e a pontuação mais baixa pelo contrário significa menor sensibilidade à rejeição interpessoal por ser homossexual. Esta escala inclui nove itens sobre experiência de indivíduos serem tratados como menos competentes, ou ouvirem outros dizer coisas desfavoráveis sobre a sua homossexualidade e ficarem preocupados com o facto de os outros os olharem desfavoravelmente. Nesta escala, ao construir a experiência, dependendo do contexto exposto e da construção frásica foi elaborada uma versão para os heterossexuais masculinos e outra para os homossexuais masculinos, duas versões da mesma escala. Como exemplos dos itens desta escala transcrevo: “Eu estive em situações que ouvi outros dizer coisas desfavoráveis e até ofensivas sobre homens homossexuais.”, (este item é igual para as duas versões) e também “Eu tenho evitado dizer aos outros fora da minha família nuclear que sou homossexual” (versão homossexuais masculinos); “” Os homossexuais evitam dizer às pessoas fora do seu núcleo familiar mais chegado a sua orientação sexual” (versão heterossexuais masculinos). No estudo realizado por Luoma (2007) esta escala obteve um Alpha de Cronbach de =.79.

Por fim, foram colocadas algumas questões de carácter sociodemográfico que permitiram caracterizar adequadamente a nossa amostra. O participante seleccionava de um grupo de opções em qual estava representado relativamente a: Idade, Sexo, Habilitações Académicas, Estatuto Ocupacional, Nacionalidade, Estado Civil e Orientação Sexual.

O mesmo tipo de questões foi colocado à amostra de homossexuais masculinos e ao grupo de Heterossexuais masculinos, ou grupo de controlo.

2.2.3 Design experimental e procedimento

Foi solicitado a cada um dos participantes, homossexuais masculinos, que respondessem a três tarefas descritas e explicadas pelo orientador no momento da aplicação das mesmas. Para a participação foi utilizado um computador onde os participantes respondiam direta e individualmente ao proposto pelo instrumento.

Quando os indivíduos iniciam a sua participação têm um pequeno texto que explica o âmbito e objetivo da investigação seguido do Consentimento Informado, que torna claro uma vez mais os objetivos do estudo, mas também o carácter voluntário e a garantia de confidencialidade e anonimato dos dados recolhidos. É também dada a indicação de que a sua participação tem um tempo previsto de duração de cerca de 20 minutos e de que esta é uma oportunidade de fornecer dados significativos á comunidade científica, importantes para o aumento dos conhecimentos sobre os processos psicológicos. Neste momento é perguntado se concorda em participar no estudo; também se houver dúvidas pode esclarecê-las com a investigadora que está presente em cada aplicação. Caso decida participar, seleciona a tecla “S” do computador e dá início á primeira tarefa, caso não concorde manifesta a sua intenção de desistir junto da investigadora.

Ao grupo de controlo, constituído por heterossexuais masculinos, foi passada a informação exatamente no mesmo formato da amostra de homossexuais masculinos.

A primeira tarefa corresponde á tarefa de perceção de emoções através de expressões faciais, a informação que é dada é de que se seguem 20 vídeos, de aproximadamente 15 segundos cada, que mostram caras masculinas animadas mudando progressivamente de expressão, o que se pretende é que o participante identifique quando, do seu ponto de vista, uma emoção muda para outra (e.g., uma face com uma expressão feliz a mudar para uma expressão de surpresa), para que tal aconteça deve pressionar a tecla “V” do teclado do computador que está a utilizar. Seguem-se dois exemplos de vídeos para que o participante se familiarize com a tarefa, primeiro aparece o símbolo “+” no centro do ecrã durante 500 ms, de seguida o vídeo começa. A ordem dos vídeos é: Desprezo, neutro, Alegria; Raiva, neutro, Alegria; Medo, neutro, Alegria; Tristeza, neutro, Alegria; Nojo, neutro, Alegria.

Concluída a primeira tarefa, carrega na tecla “U” do teclado e dá-se início à segunda tarefa.

A segunda tarefa pressupõe a leitura de afirmações que se referem a como as pessoas vêem a homossexualidade masculina, o que se pretende é que o participante manifeste o seu nível de concordância numa escala de sete pontos; 1 para Discordo Totalmente e 7 para Concordo Totalmente. Os números intermédios podem modelar as respostas por forma a aproximar a resposta do participante. As afirmações correspondem a duas escalas que escolhemos: Escala de Perceção de Estigma (Link,1987) e Escala de Rejeição Interpessoal relacionada com o Estigma (Wahl,1999).

A última tarefa foi responder a um conjunto de questões Sociodemográficas que nos permitem uma melhor compreensão da amostra recolhida.

No final de cada aplicação a investigadora fez um pequeno *debriefing* com o participante para alguma nota final, comentário, ou esclarecimento sobre o estudo.

2.2.4 Consentimento Informado:

O consentimento informado (Anexo A) está integrado no texto que dá início às tarefas que vão ser solicitadas ao participante. O participante é esclarecido sobre o objetivo do estudo em que irá colaborar, é informado sobre o orientador e sobre o caráter voluntário.

É uma oportunidade de dar o seu contributo, fornecendo dados á comunidade científica importantes para o aumento dos conhecimentos sobre os processos psicológicos.

Os dados que vão ser recolhidos são anónimos e confidenciais e serão tratados em conjunto e não individualmente. Podem ser usados em apresentações científicas ou artigos científicos, publicados em revistas da especialidade.

Por fim pergunta-se ao participante se concorda em participar, a sua concordância valida o consentimento informado e dá início às tarefas propostas na investigação.

Capítulo III

Resultados

3.1 Análise das escalas e Correlações

De acordo com a Tabela 3.1, os homens homossexuais na Escala de Perceção de Estigma e na Escala de Rejeição Interpessoal relacionada com o Estigma mostram valores abaixo do ponto central das escalas ($t(39) = -5.54, p < .01$ e $t(39) = -2.64, p < .05$, respetivamente), enquanto os homens heterossexuais não se diferenciam do ponto médio das escalas ($t(47) = -1.33, p = .19$ e $t(47) = .49, p = .63$, respetivamente). Mais, os homens heterossexuais têm pontuações significativamente mais elevadas em comparação com os homens homossexuais nas duas escalas ($t(86) = 2.58, p < .05$ e $t(86) = 2.60, p < .05$).

Tabela 3.1 – Análise das Escalas - Escala Perceção de Estigma (ER), Escala de Rejeição Interpessoal Relacionada com o Estigma (EP)

Grupos	ER		EP	
	M	DP	M	DP
Homossexuais	3.35	1.29	3.56	1.06
Heterossexuais	3.99	1.06	4.05	.72

De acordo com a Tabela 3.2, a Escala de Perceção de Estigma e a Escala de Rejeição Interpessoal relacionada com o Estigma correlacionam-se positivamente seja para os homens homossexuais seja para os homens heterossexuais.

Tabela 3.2 – Tabela de Correlações entre Escalas

		ER
Homossexual	EP	.342*
Heterossexual	EP	.428**

*. $p < .05$ ** $p < .01$

3.2 Análise dos tempos de resposta aos vídeos

3.2.1 De emoções negativas para emoções positivas

A variável dependente deste estudo é o tempo de resposta dos participantes às emoções em relação à decisão de mudança de expressão facial. Tempos de resposta mais longos indicam que os participantes ficaram durante mais tempo numa emoção. Foram feitos dois vídeos para cada emoção (Desprezo/ Nojo/ Raiva/ Medo/ Tristeza), com passagem pelo neutro; duas ordens de emoções (positiva versus negativa).

Os tempos de respostas foram analisados através de um *General Linear Model* (GLM), a medidas repetidas com o grupo, como fator *between-subject* a 2 níveis (Homossexuais masculinos versus Heterossexuais masculinos), e o tipo de emoção, como factor *within-subject* a 5 níveis (Desprezo; Nojo; Raiva; Medo; Tristeza).

As análises revelaram um efeito principal do fator tipo de emoção ($F(4,86) = 13.46$, $p < .001$, $\eta^2 = .135$) qualificado para uma interação com o fator grupo significativa a nível tendencial ($F(4,86) = 2.07$, $p = .084$, $\eta^2 = .024$).

Para testar a Hipótese 1, ou seja, o enviesamento esperado pelos participantes homossexuais masculinos na perceção do nojo, foram feitas análises post-doc (*Pairwise Comparisons*) com o objetivo de comparar os tempos de reação de homossexuais masculinos e heterossexuais masculinos relativos a emoções específicas. De acordo com a Tabela 3.3, os tempos de reação de homossexuais e heterossexuais diferem quando a emoção envolvida é o nojo ($F(1,86) = 4.74$, $p = .032$, $\eta^2 = .052$), sendo que os participantes homossexuais masculinos são mais rápidos do que os participantes heterossexuais masculinos a responder aos vídeos que envolvem nojo. Não se encontraram diferenças significativas nas outras emoções ($F_s < 1.92$, $p_s > .168$).

Tabela 3.3 – Tempo de resposta às emoções (negativas para positivas)

	Heterossexual		Homossexual	
	M	DP	M	DP
Desprezo	7451.5625	2239.21078	6818.8250	1985.12944
Nojo	6904.3750	1844.20769	6138.1625	1363.89519
Raiva	7825.6354	2286.38442	7954.1125	2160.12460
Medo	7752.8021	1497.43908	7313.2875	1590.89652
Tristeza	7096.2500	2192.57467	7144.4750	2315.35287

3.2.2 De emoções positivas para emoções negativas

De forma exploratória foram feitas análises sobre os tempos de respostas ligada aos vídeos em que uma emoção positiva (alegria) mudava para emoções negativas. Os tempos de resposta foram analisados através de um *General Linear Model* (GLM) a medidas repetidas com o grupo, (2: Homossexuais masculinos versus Heterossexuais masculinos), como fator *between-subject*, a 2 níveis (*Homossexuais versus Heterossexuais*) e o tipo de emoção, como fator *within-subject* a 5 níveis (Desprezo, Nojo, Raiva, Medo, Tristeza).

As análises revelaram um efeito principal do fator grupo ($F(1,86) = 16.53, p < .001, \eta^2 = .161$) que indica que em geral os participantes homossexuais são mais rápidos ($M = 5493.29, DP =$) em responder do que os participantes heterossexuais ($M = 6734.37, DP =$). Não foram encontrados outros efeitos significativos.

3.3 Análise de Moderação

3.3.1 Perceção do Estigma

Relativamente à Hipótese 2 do estudo, ou seja, a possibilidade de que o enviesamento da perceção de nojo seja moderado pela perceção de estigma face à homossexualidade, as análises não mostraram resultados significativos ($\beta < .18, p > .11$).

3.3.2 Rejeição Interpessoal ligada ao Estigma

No que diz respeito à Hipótese 3 do estudo, ou seja, a possibilidade de que o enviesamento da percepção de nojo seja moderado pelas expectativas de rejeição interpessoal ligada ao estigma face à homossexualidade masculina, as análises mostraram uma interação tendencialmente significativa entre o grupo e as expectativas de rejeição interpessoal ($\beta = -.19, p = .092; F(3,87) = 2.74, p = .048, R^2 = .089$).

De acordo com a Figura 1, os participantes homossexuais e heterossexuais, com baixas expectativas de que o estigma da homossexualidade masculina seja ligado à rejeição interpessoal, não se diferenciam nos tempos de respostas aos vídeos que envolvem nojo ($\beta = -.07, p = .662$). Ainda, os participantes homossexuais, com altas expectativas que o estigma da homossexualidade masculina seja ligado à rejeição interpessoal, são mais rápidos nos seus tempos de respostas aos vídeos que envolvem nojo, em comparação com heterossexuais masculinos com altas expectativas de rejeição ($\beta = -.45, p = .006$).

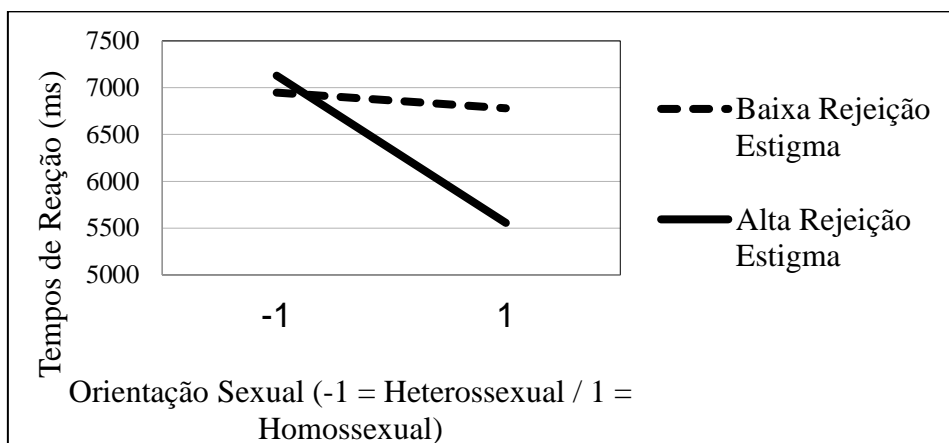


Figura 1 – Tempos de reação aos vídeos que envolvem a emoção Nojo, nos grupos de homossexuais masculinos e heterossexuais masculinos e as expectativas de rejeição interpessoal.

Capítulo IV

Discussão

Suportado na investigação e fundamentação teórica robusta disponível sobre o estigma, as emoções e a perceção de emoções; foram colocadas hipóteses sobre os homossexuais masculinos enquanto grupo socialmente estigmatizado, com expectativas de preconceito ligadas ao seu estigma, sensíveis a indicadores de emoções negativas nas caras de indivíduos do exo grupo. Nos homossexuais esperava-se um enviesamento na perceção de nojo na cara dos outros, a literatura sustenta esta associação ao nojo (Inbar et al., 2009).

Este estudo implicou fazer análises com base nas hipóteses, faz-se aqui a discussão dos resultados a que foi possível chegar com o que foi recolhido.

Numa primeira análise, encontraram-se diferenças entre os dois grupo; os homens heterossexuais têm valores significativamente mais elevados em comparação com os homens homossexuais nas duas escalas em estudo, partindo desta diferença podemos afirmar que os homossexuais manifestam uma menor preocupação com o estigma comparativamente com os heterossexuais. Este fenómeno pode dever-se ao facto de os indivíduos que são homossexuais assumidos na sua orientação sexual, tenderem a minimizar a preocupação com o estigma. Esta é a sua realidade existencial e subvalorizam o fenómeno; se por um lado aprenderam a lidar com ele, por outro sofreram um processo de habituação, que justifica os resultados. Também e por consequência, não manifestam um nível de preconceito tão elevado, já que escolhem pessoas para se relacionar que também não são preconceituosas, por terem as mesmas convicções e vivências relacionais. (Barreto & Ellemers, 2015).

Neste estudo, foi obtido um resultado que correspondeu a uma estreita correlação entre as escalas; Escala de Perceção de Estigma e Escala de Rejeição Interpessoal relacionada com o estigma e entre os grupos, ou seja, esta semelhança verifica-se no grupo de homossexuais masculinos e também no grupo de heterossexuais masculinos. Significa dizer que indivíduos homossexuais masculinos com elevada perceção de estigma sentem igualmente e por consequência uma elevada rejeição interpessoal relacionada com o estigma e que este comportamento se repete no grupo de heterossexuais masculinos (grupo de controlo). Quando a perceção do estigma aumenta, à semelhança também aumenta a rejeição interpessoal ligada ao estigma. Independentemente da orientação sexual, quando aumenta a

perceção que existe um estigma face à homossexualidade, aumenta a perceção que os homossexuais masculinos são rejeitados em consequência desse estigma.

Considerando a hipótese 1, que se procurou testar, esperava-se que homens homossexuais, em comparação com homens heterossexuais, fizessem um enviesamento na perceção da expressão de nojo na cara dos outros, confirma-se um enviesamento numa emoção específica suportado por literatura sobre a temática das emoções e o nojo. Os tempos de resposta ou reação diferem entre homossexuais e heterossexuais, sendo os homossexuais a ter uma resposta mais rápida do que os heterossexuais sempre que a emoção envolvida é o nojo o que não acontece com as outras emoções.

No estudo de Inzlich e colegas (2008), as participantes do sexo feminino que tinham uma consciência de estigma baseada no sexo consideravam o desprezo durante mais tempo no rosto de um homem do que no rosto de uma mulher em comparação com as mulheres com baixa consciência de estigma. As mulheres ficavam mais tempo na emoção de rejeição. Isso sugere que uma diferença individual relacionada com a rejeição baseada em grupo pode predispor os indivíduos a tornarem-se vigilantes para as emoções de rejeição rotineiramente expressas pelos membros do grupo. Segundo, em contraste com os efeitos com desprezo, a consciência do estigma não previu perceções de raiva. Isto é consistente com as interdições da sociedade contra as expressões de raiva e hostilidade masculina-feminina. Deste modo a hipótese levantada por estes investigadores, de que a rejeição baseada no género é mais provável ser expressa como desprezo do que raiva, verifica-se. Finalmente, os participantes masculinos não mostraram evidências para o mesmo padrão de sensibilidade emocional; ou seja, os homens que se preocupavam em ser alvo de estereótipos de género não tendiam a perceber os rostos dos homens e das mulheres de forma diferente dos homens que não estavam preocupados de forma semelhante. Isto é coerente com a sugestão de que os homens são menos propensos a experimentar a estigmatização e, portanto, são menos vigilantes sobre a rejeição de género, por parte das mulheres.

Neste estudo homens homossexuais masculinos ficaram menos tempo na emoção de rejeição (e.g., nojo). Em termos de alternativas de pensamento pode considerar-se que indivíduos que lidam habitualmente com emoções de rejeição, como é o caso de os homossexuais serem associados ao nojo, mais facilmente podem proteger-se como estratégia de comportamento, ou, por outro lado, não sentirem a necessidade de se proteger por um processo de habituação ao longo do tempo. Relativamente ao nojo, quando esta emoção está

presente na cara dos outros são mais rápidos a ter percepção de que a mesma chegou ao fim, que a emoção acabou, nas imagens animadas (filme) do instrumento deste estudo.

A análise de moderação feita para verificar a hipótese 2, se a percepção do estigma faz aumentar o enviesamento condicionando os tempos de resposta/reação ao nojo, esperava-se que o efeito de interação fosse significativo, mas isso não se verificou.

Com a hipótese 3, relativamente à possibilidade de que o enviesamento da percepção do nojo seja moderado pelas expectativas de rejeição interpessoal ligada ao estigma face à homossexualidade, há a nível tendencial uma interação significativa entre o grupo de homossexuais e as expectativas de rejeição interpessoal, relativamente à moderação no efeito sobre o nojo. Esta interação vai no sentido de que grupos estigmatizados são sensíveis a emoções que são centrais para expectativas de preconceito que de alguma forma se encontram associadas em vez de todos os tipos de emoções de rejeição, isto é consistente neste estudo com a literatura disponível sobre o nojo e a homossexualidade.

O nojo está associado a julgamentos morais intuitivos negativos, de repugnância, dos homossexuais, mesmo que não se endosse explicitamente uma visão da homossexualidade como moralmente errada. As emoções também vieram a desempenhar um papel poderoso na formação de percepções morais de comportamentos e grupos específicos. Ou seja, além de surgir como consequência de certas violações morais, há evidências crescentes de que o nojo exerce uma influência causal nesses mesmos julgamentos, levando as pessoas em sociedade a ser particularmente duras nas suas avaliações sobre este grupo estigmatizado. Pode ser interpretado desta forma, já que os homossexuais e os seus comportamentos são frequentemente colados a esta emoção.

Revelou-se um efeito principal relativamente à emoção nojo que não acontece com as outras emoções, confirma-se um enviesamento numa emoção específica que de acordo com a temática das emoções e do nojo se pode interpretar como sendo experimentar o nojo interpessoal, preditivo de xenofobia e atitudes negativas em relação a grupos excluídos. Os indivíduos podem ser encorajados a refletir sobre as influências emocionais que moldam as suas crenças morais e talvez até mesmo para corrigir essas influências quando eles conflituam com suas ideias explícitas.

Conclusão

Esta dissertação abordou o tema do estigma da homossexualidade masculina e a perceção de emoções na expressão facial dos outros pelos homossexuais em comparação com heterossexuais. Procurou também perceber se indivíduos estigmatizados fazem um enviesamento na perceção de emoções específicas no rosto dos outros.

Os resultados encontrados mostram que independentemente da orientação sexual, a perceção que existe um estigma face à homossexualidade é correlacionada com a perceção que os homossexuais masculinos são rejeitados em consequência desse estigma. Confirma-se um enviesamento numa emoção específica, o nojo; revelou-se um efeito principal relevante que não acontece com as outras emoções. Este resultado assume particular importância e é de acentuada contribuição nesta investigação porque; a) existe só um estudo de Inzlicht et al sobre alvos de estigma e reconhecimento de emoções; b) demonstra que o efeito é específico (grupos diferentes/ emoções diferentes), ou seja, diferentes grupos estigmatizados associados a diferentes reacções emotivas.

Esta confirmação é suportada pela literatura disponível sobre a temática das emoções e o nojo em particular. Pesquisas futuras são necessárias para explorar este efeito de perceção tendenciosa com diferentes grupos, diferentes emoções.

Nojo enquanto emoção que medeia o afastamento de outra pessoa. Atribuir emoções de rejeição às expressões dos outros e conviver com essa perceção, pode ser um fenómeno com elevada relevância na vontade de um indivíduo interagir ou estabelecer contacto com os outros.

Os resultados deste estudo não podem ser generalizados para outros grupos estigmatizados, nem mesmo para o estigma em geral da homossexualidade masculina. A complexidade do fenómeno da homossexualidade, os contextos, a multidimensionalidade; apresentam aspetos e deixam em aberto espaço para a continuidade da investigação, replicando este estudo, ou com outro olhar sobre esta temática, sempre com o objetivo de entender melhor o fenómeno, acrescentar conhecimento que represente mais valias.

Terminado este estudo conclui-se observando que um dos principais insights de uma perspetiva psicológica social sobre o estigma é a tremenda variabilidade entre indivíduos, grupos e situações em respostas ao estigma. Pesquisas futuras são necessárias para continuar a explorar o efeito de perceção tendenciosa com diferentes grupos e diferentes emoções. A

compreensão emergente de fatores que tornam as pessoas resistentes, bem como vulneráveis, ao estigma e à identificação de estratégias de enfrentamento eficazes, de coping adequadas, para lidar com situações de ameaça à identidade, tem alguma promessa para melhorar a situação e qualidade de vida das pessoas estigmatizadas.

Faria sentido em futuros estudos, incluir uma escala de homossexualidade publicamente assumida que não consta deste estudo, mas que teria total significado nesta abordagem. A inclusão de uma medida de coming-out, seria significativo no sentido de aferir, homossexuais ou bissexuais, cujo critério principal fosse o facto de terem relações sexuais com outros homens. Esta distinção prende-se com uma dificuldade inerente à comunidade homossexual, no que diz respeito à identificação dos seus membros como homossexuais ou bissexuais, em termos de identidade ou do comportamento; isto é, não é claro para muitos homens que o facto de terem um comportamento homossexual os torne, de facto homossexuais.

Também relativamente a limitações do estudo, não foram encontrados dados sobre a agradabilidade e atratividade das fotos utilizadas no instrumento, o foco desta investigação não era estudar a nacionalidade e por isso, não perguntámos para não tornar extenso e massudo o inquérito sociodemográfico. Assim sendo, num próximo estudo, talvez seja relevante avaliar o facto de serem rostos que não são de nacionalidade portuguesa.

A melhor compreensão da dinâmica da homossexualidade representa o contributo da Psicologia Social na vida de indivíduos sujeitos a processos de estigmatização violentos e continuados no tempo, marcando, enviesando e comprometendo a sua perceção do outro, das relações e do mundo.

Durante a investigação realizada foi repassado cada momento atentamente, por forma a garantir a qualidade da mesma e assumir significativo interesse através de uma fundamentação teórica robusta, instrumento de medida e recolha de dados com relevância e credibilidade de resultados. Os resultados encontrados são bastante consistentes.

Bibliografia

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. New York: Basic Books
- Barreto, M. (2014). Experiencing and coping with social stigma. *APA handbook of personality and social psychology*, 2, 473-506.
- Barreto, M., & Ellemers, N. (2015). Chapter three-Detecting and experiencing prejudice: New answers to old questions. *Advances in experimental social psychology*, 52, 139-219.
- Bearman, S., Korobov, N., & Thorne, A. (2009). The fabric of internalized sexism. *Journal of Integrated Social Sciences*, 1(1), 10-47.
- Bechara, A., Tranel, D., Damásio, H., & Adolphs, R. (1995). Double dissociation of conditioning and declarative knowledge relative to the amygdala and hippocampus in humans. *Science*, 269(5227), 1115.
- Bowleg, L. (2008). When Black+ lesbian+ woman \neq Black lesbian woman: The methodological challenges of qualitative and quantitative intersectionality research. *Sex roles*, 59(5-6), 312-325.
- Boyle, G. J. (1984). Reliability and validity of Izard's differential emotions scale. *Personality and Individual Differences*, 5(6), 747-750.
- Branscombe, N. R., Schmitt, M. T., & Harvey, R. D. (1999). Perceiving pervasive discrimination among African Americans: Implications for group identification and well-being. *Journal of personality and social psychology*, 77(1), 135.
- Brohan, E., Slade, M., Clement, S., & Thornicroft, G. (2010). Experiences of mental illness stigma, prejudice and discrimination: a review of measures. *BMC Health Services Research*, 10:80, doi:10.1186/1472-6963-10-80.
- Clark, R., Anderson, N. B., Clark, V. R., & Williams, D. R. (1999). Racism as a stressor for African Americans: A biopsychosocial model. *American psychologist*, 54(10), 805.
- Collins, P. Y., von Unger, H., & Armbrister, A. (2008). Church ladies, good girls, and locas: Stigma and the intersection of gender, ethnicity, mental illness, and sexuality in relation to HIV risk. *Social Science & Medicine*, 67(3), 389-397.
- Crandall, C. S. (2003). Ideology and lay theories of stigma: the justification of stigmatization. In T. F. Heatherton, R. E. Kleck, M. R. Hebl & J. G. Hull (Eds.), *The Social Psychology of Stigma* (pp. 126-150). New York: The Guildford Press
- Crandall, C. S., & Moriarty, D. (1995). Physical illness stigma and social rejection. *British Journal of Social Psychology*, 34(1), 67-83.
- Crocker, J., & Major, B. (1989). Social stigma and self-esteem: The self-protective properties of stigma. *Psychological review*, 96(4), 608.
- Crocker, J., & Major, B. (2003). The self-protective properties of stigma: Evolution of a modern classic. *Psychological Inquiry*, 14(3-4), 232-237.
- Crocker, J., Major, B., & Steele, C. (1998). Social stigma. In D.T. Gilbert & S.T. Fiske (Eds.), *The Handbook of Social Psychology* (Vol. 2, pp. 504-553). Boston: McGraw-Hill.
- Crocker, J., Voelkl, K., Testa, M., & Major, B. (1991). Social stigma: The affective consequences of attributional ambiguity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(2), 218.
- Cross Jr, W. E. (1991). *Shades of black: Diversity in African-American identity*. Temple University Press.
- Dasgupta, N., DeSteno, D., Williams, L. A., & Hunsinger, M. (2009). Fanning the flames of prejudice: the influence of specific incidental emotions on implicit prejudice. *Emotion*, 9(4), 585.

- Darwin, Charles. (2004). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of personality and social psychology*, 56(1), 5.
- Damásio, A. (2000). O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência, 5.
- Damásio, A. (2011). *O erro de descartes: Emoção, razão e cérebro humano*. Lisboa: Temas e Debates.
- Dougherty, L. M., Abe, J. A., & Izard, C. E. (1996). Differential emotions theory and emotional development in adulthood and later life.
- Dovídio, J. F., Major, B., & Crocker, J. (2003). Stigma: Introduction and overview. In T. F. Heatherton, R. E. Kleck, M. R. Hebl, & J. g. HULL (Eds.), *The Social Psychology of Stigma* (pp. 1-28). New York: The Guildford Press.
- Downey, G., & Feldman, S. I. (1996). Implications of rejection sensitivity for intimate relationships. *Journal of personality and social psychology*, 70(6), 1327.
- Ekman, P. (2003). Darwin, deception, and facial expression. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1000(1), 205-221.
- Ekman, P., & Cordaro, D. (2011). What is meant by calling emotions basic. *Emotion Review*, 3(4), 364-370.
- Ekman, P., & Rosenberg, E. (Eds.). (2005). *What the face reveals* (2nd ed.). New York: Oxford University Press.
- Ekman, P., Friesen, W. V., & Ancoli, S. (1980). Facial signs of emotional experience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 1125–1134.
- Ekman, P., Friesen, W. V., & Hager, J. C. (Eds.). (2002). *Facial Action Coding System* [E-book]. Salt Lake City, UT: Research
- Ekman, P., Friesen, W. V., & O'Sullivan, M. (1988). Smiles when lying. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 414–420.
- Ekman, P., Friesen, W. V., & Tomkins, S. S. (1971). Facial affect scoring technique: A first validation study. *Semiotica*, 3, 37–58.
- Ekman, P., Rosenberg, E., & Hager, J. (1998). *Facial Action Coding System Interpretive Database (FACSAID)*. Unpublished manuscript. University of California at San Francisco, Human Interaction Laboratory.
- Ekman, P., Schwartz, G. E., & Friesen, W. V. (1978). *Electrical and visible signs of facial action*. San Francisco: University of California, Human Interaction Laboratory.
- Ekman, P., Sorenson, E. R., & Friesen, W. V. (1969). Pan-cultural elements in facial displays of emotion. *Science*, 164(3875), 86-88.
- Fernández-Abascal, E. G., García, B., Jiménez, M. P., Martín, M. D., & Domínguez, F. J. (2010). *Psicología de la emoción*. Editorial Universitaria Ramón Areces.
- Fine, M., & Asch, A. (1988). Disability beyond stigma: Social interaction, discrimination, and activism. *Journal of social issues*, 44(1), 3-21.
- Frost, D. M. (2011). Social stigma and its consequences for the socially stigmatized. *Social and Personality Psychology Compass*, 5(11), 824-839.
- Frost, D. M., & Bastone, L. M. (2007). The role of stigma concealment in the retrospective high school experiences of gay, lesbian, and bisexual individuals. *Journal of LGBT Youth*, 5(1), 27–36, doi: 10.1300/J524v05n01-04.
- Frost, D. M., & Meyer, I. H. (2009). Internalized homophobia and relationship quality among lesbians, gay men, and bisexuals. *Journal of counseling psychology*, 56(1), 97.

- Goffman, E. (1963). *Stigma - Notes on the management of spoiled identity*. New York: Simon & Schuster.
- Goffman, E. (2009). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Simon and Schuster.
- Goffman, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- Greenberg, J., & Jonas, E. (2003). Psychological motives and political orientation--the left, the right, and the rigid: comment on Jost et al.(2003).
- Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological review*, 102(1), 4.
- Hall, E. T. (1984). *The dance of life: The other dimension of time*.
- Herek, G. M. (2006). Legal recognition of same-sex relationships in the United States: a social science perspective. *American Psychologist*, 61(6), 607.
- Herek, G. M. (2007). Confronting sexual stigma and prejudice: Theory and practice. *Journal of Social Issues*, 63(4), 905-925.
- Herek, G. M. (2009a). Hate crimes and stigma-related experiences among sexual minority adults in the United States prevalence estimates from a national probability sample. *Journal of interpersonal violence*, 24(1), 54-74.
- Herek, G. M. (2009b). Sexual stigma and sexual prejudice in the United States: A conceptual framework. In *Contemporary perspectives on lesbian, gay, and bisexual identities* (pp. 65-111). Springer New York.
- Hess, U., Beaupré, M. G., & Cheung, N. (2002). Who to whom and why--cultural differences and similarities in the function of smiles. *An empirical reflection on the smile*, 4, 187.
- Hess, U., Blair, S., & Kleck, R. E. (1997). The intensity of emotional facial expressions and decoding accuracy. *Journal of Nonverbal Behavior*, 21(4), 241-257.
- Hinshaw, S.P. (2007). *The Mark of Shame - Stigma of Mental Illness and an Agenda for Change*. New York: Oxford University Press.
- Hugenberg, K., & Bodenhausen, G. V. (2003). Facing prejudice implicit prejudice and the perception of facial threat. *Psychological Science*, 14(6), 640-643.
- Inbar, Y., Pizarro, D. A., & Bloom, P. (2012). Disgusting smells cause decreased liking of gay men. *Emotion*, 12(1), 23.
- Inbar, Y., Pizarro, D. A., Knobe, J., & Bloom, P. (2009). Disgust sensitivity predicts intuitive disapproval of gays. *Emotion*, 9(3), 435.
- Inzlicht, M., Kaiser, C. R., & Major, B. (2008). The face of chauvinism: How prejudice expectations shape perceptions of facial affect. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44(3), 758-766. doi:10.1016/j.jesp.2007.06.004
- Inzlicht, M., McKay, L., & Aronson, J. (2006). Stigma as ego depletion: How being the target of prejudice affects self-control. *Psychological Science*, 17(3), 262-269.
- Izard, C. E. (1971). *The face of emotion*.
- Izard, C. E. (1991). *The psychology of emotions*. Springer Science & Business Media.
- Jenkins, J. M., & Oatley, K. (1996). Emotional episodes and emotionality through the life span.
- Jones, E.E., Farina, A., Hastorf, A.H., Markus, H., Miller, D.T., & Scott, R.A. (1984). *Social stigma: The psychology of marked relationships*. New York: Freeman.
- Jost, J. T., & Major, B. (2001). *The psychology of legitimacy: Emerging perspectives on ideology, justice, and intergroup relations*. Cambridge University Press.

- King, R. D., Messner, S. F., & Baller, R. D. (2009). Contemporary hate crimes, law enforcement, and the legacy of racial violence. *American Sociological Review*, 74(2), 291-315.
- Langner, O., Dotsch, R., Bijlstra, G., Wigboldus, D.H.J., Hawk, S.T., & van Knippenberg, A. (2010). Presentation and validation of the Radboud Faces Database. *Cognition & Emotion*, 24(8), 1377—1388. DOI: 10.1080/02699930903485076
- Leary, M. R., & Schreindorfer, L. S. (1998). The stigmatization of HIV and AIDS: Rubbing salt in the wound.
- Levenson, R. W., Carstensen, L. L., & Gottman, J. M. (1994). Influence of age and gender on affect, physiology, and their interrelations: A study of long-term marriages. *Journal of personality and social psychology*, 67(1), 56.
- Lindzey, Gardner, Daniel Gilbert, and Susan T. Fiske. *The handbook of social psychology*. Vol. 1. Oxford University Press, 1998.
- Link, B. G. (1987). Understanding labeling effects in the area of mental disorders: An assessment of the effects of expectations of rejection. *American Sociological Review*, 96-112.
- Link, B.G. & Phelan, J.C. (2001). Conceptualizing Stigma. *Annual Review Sociology*, 27, 363-385.
- Major B, Eccleston CP. 2004 Stigma and social exclusion. In *Social Psychology of Inclusion and Exclusion*, ed. D Abrams, J Marques, MA Hogg. Pp 63-87. New York: Psychol. Press
- Major, B. (1994). From social inequality to personal entitlement: The role of social comparisons, legitimacy appraisals, and group membership. *Advances in experimental social psychology*, 26, 293-355.
- Major, B., & O'Brien, L. T. (2005). The social psychology of stigma. *Annual Review of*
- Major, B., Gramzow, R. H., McCoy, S. K., Levin, S., Schmader, T., & Sidanius, J. (2002). Perceiving personal discrimination: the role of group status and legitimizing ideology. *Journal of personality and social psychology*, 82(3), 269.
- Major, B., Spencer, S., Schmader, T., Wolfe, C., & Crocker, J. (1998). Coping with negative stereotypes about intellectual performance: The role of psychological disengagement. *Personality and social psychology bulletin*, 24(1), 34-50.
- Matsumoto, D., & Ekman, P. (1989). American-Japanese cultural differences in intensity ratings of facial expressions of emotion. *Motivation and Emotion*, 13(2), 143-157.
- Matsumoto, D., & Sung Hwang, H. (2010). Judging faces in context. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(6), 393-402.
- Matsumoto, M., & Hikosaka, O. (2009). Two types of dopamine neuron distinctly convey positive and negative motivational signals. *Nature*, 459(7248), 837-841.
- Mayer, J. D., DiPaolo, M., & Salovey, P. (1990). Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. *Journal of personality assessment*, 54(3-4), 772-781.
- McCoy, S. K., & Major, B. (2003). Group identification moderates emotional responses to perceived prejudice. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(8), 1005-1017.
- Mendoza-Denton, R., Downey, G., Purdie, V. J., Davis, A., & Pietrzak, J. (2002). Sensitivity to status-based rejection: implications for African American students' college experience. *Journal of personality and social psychology*, 83(4), 896.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice as stress: Conceptual and measurement problems. *American Journal of Public Health*, 93, 262–265.

- Meyer, I. H. (2010). Identity, stress, and resilience in lesbians, gay men, and bisexuals of color. *The Counseling Psychologist*, 38(3), 442-454.
- Meyer, I. H., Dietrich, J., & Schwartz, S. (2008a). Lifetime prevalence of mental disorders and suicide attempts in diverse lesbian, gay, and bisexual populations. *American Journal of Public Health*, 98(6), 1004-1006.
- Meyer, I. H., Schwartz, S., & Frost, D. M. (2008b). Social patterning of stress and coping: Does disadvantaged social statuses confer more stress and fewer coping resources?. *Social science & medicine*, 67(3), 368-379.
- Mostow, A. J., Izard, C. E., Fine, S., & Trentacosta, C. J. (2002). Modeling emotional, cognitive, and behavioral predictors of peer acceptance. *Child development*, 73(6), 1775-1787.
- Newheiser, A. K., & Barreto, M. (2014). Hidden costs of hiding stigma: Ironic interpersonal consequences of concealing a stigmatized identity in social interactions. *Journal of Experimental Social Psychology*, 52, 58-70.
- Niedenthal, P. M., Halberstadt, J. B., Margolin, J., & Innes-Ker, A. H. (2000). Emotional state and the detection of change in facial expression of emotion. *European Journal of Social Psychology*, 30(2), 211-222.
- Nussbaum, M. C. (2001). *The fragility of goodness: Luck and ethics in Greek tragedy and philosophy*. Cambridge University Press.
- Operario, D., & Fiske, S. T. (2001). Ethnic identity moderates perceptions of prejudice: Judgments of personal versus group discrimination and subtle versus blatant bias. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(5), 550-561
- Pinel, E. C. (1999). Stigma consciousness: The psychological legacy of social stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 114-128. doi:10.1037//00223514.76.1.114
- Psychology, 56, 393-421. doi: 10.1146/annurev.psych.56.091103.070137
- R. Dores, Barbosa, F., Marques, A., Queirós, C., M. Q. Oliveira, J. P. Pedroso, A. Castro-Caldas, & I. P. Carvalho (2013). A Radboud Faces Database como ferramenta para o estudo do reconhecimento de emoções: uma investigação em Portugal. VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Aveiro. 20 a 22 de junho de 2013.
- Rozin, P., Haidt, J., & McCauley, C. R. (1999). Disgust: The body and soul emotion. *Handbook of cognition and emotion*, 429-445.
- Russell, G. M., & Bohan, J. S. (2006). The Case of Internalized Homophobia Theory and/as Practice. *Theory & Psychology*, 16(3), 343-366.
- Salovey, P., & Mayer, J. D. (1990). Emotional intelligence. *Imagination, cognition and personality*, 9(3), 185-211.
- Schmader, T. (2002). Gender identification moderates stereotype threat effects on women's math performance. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38(2), 194-201.
- Sellers, R. M., & Shelton, J. N. (2003). The role of racial identity in perceived racial discrimination. *Journal of personality and social psychology*, 84(5), 1079
- Smart, L., & Wegner, D. M. (1999). Covering up what can't be seen: Concealable stigma and mental control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77(3), 474-486, doi: 10.1037/0022-3514.77.3.474.
- Steele, C. M. (1997). A threat in the air: How stereotypes shape intellectual identity and performance. *American psychologist*,
- Steele, C. M., Spencer, S. J., & Aronson, J. (2002). Contending with group image: The psychology of stereotype and social identity threat. *Advances in experimental social psychology*, 34, 379-440.

- Swim, J. K., & Stangor, C. (Eds.). (1998). *Prejudice: The target's perspective*. Academic Press.
- Szymanski, D. M., Kashubeck-West, S., & Meyer, J. (2008). Internalized heterosexism: A historical and theoretical overview. *The Counseling Psychologist*, 36(4), 510-524.
- Upmeyer, A., & Layer, H. (1974). Accentuation and attitude in social judgment. *European Journal of Social Psychology*, 4(4), 469-488.
- Wagner, H. L., MacDonald, C. J., & Manstead, A. S. (1986). Communication of individual emotions by spontaneous facial expressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(4), 737.
- Wahl, O. F. (1999). Mental health consumers' experience of stigma. *Schizophrenia bulletin*, 25(3), 467.
- Wester, S. R., Vogel, D. L., Wei, M., & McLain, R. (2006). African American men, gender role conflict, and psychological distress: The role of racial identity. *Journal of Counseling & Development*, 84(4), 419-429.
- Williams, D. R., Yu, Y., Jackson, J. S., & Anderson, N. B. (1997). Racial differences in physical and mental health: Socio-economic status, stress and discrimination. *Journal of health psychology*, 2(3), 335-351.

ANEXOS

ANEXO A

Consentimento Informado

Consentimento Informado

A investigação que estamos a realizar acontece no âmbito de uma dissertação de mestrado e tem como objetivo estudar a perceção das emoções através da expressão facial. A investigadora responsável pelo estudo, Teresa de Almeida Varela é estudante de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações da Universidade Lusófona e a supervisão do mesmo é assegurada pelo Professor Dr. Mauro Bianchi.

A participação no presente estudo tem um carácter voluntário, pelo que o participante poderá interrompê-la a qualquer momento e/ou desistir. A sua colaboração tem um tempo previsto de duração de cerca de 20 minutos. Deste modo, o participante tem a oportunidade de com o seu contributo fornecer dados à comunidade científica importantes para o aumento dos conhecimentos sobre os processos psicológicos.

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais e serão tratados em conjunto e não individualmente. Podem ser utilizados em apresentações científicas ou artigos científicos, publicados em Revistas da especialidade.

Qualquer esclarecimento que necessite solicite a ajuda da investigadora.

Concorda em participar no estudo?

- Sim (carregue na tecla "S" para continuar)

- Não (Chame a experimentadora)

ANEXO B

Escala de Estigma Percebido a responder por Heterossexuais

Escala de Estigma Percebido (Link, 1987)

De seguida a tarefa pressupõe a leitura de afirmações que se referem a como as pessoas vêm a homossexualidade

De acordo com as seguintes escalas e para expressar a sua opinião, por favor, selecione o número que melhor descreve o seu grau de concordância, sendo 1= Discordo Totalmente e 7=Concordo Totalmente. Os números intermédios podem modelar a sua resposta, 2=Discordo, 3= Discordo um pouco, 4=Não concordo nem discordo, 5=Concordo um pouco, 6=Concordo;

Se necessitar de algum esclarecimento solicite a ajuda da investigadora.

Carregue na tecla "U" para continuar.

1 - A maioria das pessoas estaria disposta a aceitar um homem homossexual como amigo próximo.

2 - A maioria das pessoas acredita que um homem homossexual é tão inteligente como qualquer outro cidadão.

3 - A maioria das pessoas acredita que um homem homossexual é tão confiável como qualquer outro cidadão.

4 - A maioria das pessoas aceitaria um homem homossexual como professor de crianças numa escola pública.

5 - A maioria das pessoas sente que ser homem homossexual não é um sinal de fraqueza.

6 - A maioria das pessoas contrataria um homem homossexual para cuidar dos seus filhos.

7 - A maioria das pessoas não desconsidera um homem por ser homossexual.

8 - A maioria dos empregadores contrata um homem homossexual se ele está qualificado para o trabalho.

9 - A maioria dos empregadores não deixaria de seleccionar um homem homossexual em favor de outro candidato.

10 - A maioria das pessoas na comunidade trataria um homem homossexual como trataria qualquer outra pessoa.

12 - Uma vez que se saiba que um homem é homossexual, a maioria das pessoas não vai tomar as suas opiniões menos a sério.

ANEXO C

Escala de Estigma Percebido a responder por Homossexuais

Escala de Estigma Percebido (Link, 1987)

De seguida a tarefa pressupõe a leitura de afirmações que se referem a como as pessoas vêm a homossexualidade

De acordo com as seguintes escalas e para expressar a sua opinião, por favor, selecione o número que melhor descreve o seu grau de concordância, sendo 1=Discordo Totalmente e 7=Concordo Totalmente. Os números intermédios podem modelar a sua resposta, 2=Discordo, 3=Discordo um pouco, 4=Não concordo nem discordo, 5=Concordo um pouco, 6=Concordo;

Se necessitar de algum esclarecimento solicite a ajuda da investigadora.

Carregue na tecla "U" para continuar.

1 - A maioria das pessoas estaria disposta a aceitar um homem homossexual como amigo próximo.

2 - A maioria das pessoas acredita que um homem homossexual é tão inteligente como qualquer outro cidadão.

3 - A maioria das pessoas acredita que um homem homossexual é tão confiável como qualquer outro cidadão.

4 - A maioria das pessoas aceitaria um homem homossexual como professor de crianças numa escola pública.

5 - A maioria das pessoas sente que ser homem homossexual não é um sinal de fraqueza.

6 - A maioria das pessoas contrataria um homem homossexual para cuidar dos seus filhos.

7 - A maioria das pessoas não desconsidera um homem por ser homossexual.

8 - A maioria dos empregadores contrata um homem homossexual se ele está qualificado para o trabalho.

9 - A maioria dos empregadores não deixaria de seleccionar um homem homossexual em favor de outro candidato.

10 - A maioria das pessoas na comunidade trataria um homem homossexual como trataria qualquer outra pessoa.

12 - Uma vez que se saiba que um homem é homossexual, a maioria das pessoas não vai tomar as suas opiniões menos a sério.

ANEXO D

Escala de Rejeição Interpessoal Relaciona com Estigma
a responder por Homossexuais

Escala de Rejeição Interpessoal Relaciona com Estigma (Whal, 1999)

Selecione o número que melhor descreve o seu grau de concordância, sendo 1= Discordo Totalmente e 7=Concordo Totalmente. Os números intermédios podem modelar a sua resposta, 2=Discordo, 3=Discordo um pouco, 4=Não concordo nem discordo, 5=Concordo um pouco, 6=Concordo;

- 1 - Preocupo-me se os outros têm uma perspetiva desfavorável de mim por causa de ser homossexual
- 2 - Eu estive em situações que ouvi outros dizer coisas desfavoráveis e até ofensivas sobre homens homossexuais.
- 3 - Eu vi e li coisas nos mass media (ex: televisão, filmes, livros), sobre homens homossexuais que considero prejudiciais e ofensivas.
- 4 - Eu tenho evitado dizer aos outros fora da minha família nuclear que eu sou homossexual.
- 5 - Eu tenho sido tratado como menos competente pelos outros quando percebem que eu sou homossexual.
- 6 - Tenho sido evitado quando por alguma razão se revela que eu sou homossexual.
- 7 - Tenho sido aconselhado a baixar as minhas expectativas na vida por ser homossexual.
- 8 - Tenho sido tratado de um modo justo e amigável pelas pessoas que sabem que sou homossexual.
- 9 - Os amigos que sabem que sou homossexual apoiam-me e são compreensivos.

ANEXO E

Escala de Rejeição Interpessoal Relaciona com Estigma
a responder por Heterossexuais

Escala de Rejeição Interpessoal Relaciona com Estigma (Whal, 1999)

Selecione o número que melhor descreve o seu grau de concordância, sendo 1= Discordo Totalmente e 7=Concordo Totalmente. Os números intermédios podem modelar a sua resposta, 2=Discordo, 3=Discordo um pouco, 4=Não concordo nem discordo, 5=Concordo um pouco, 6=Concordo;

- 1 - Preocupo-me se os outros têm uma perspetiva desfavorável de alguém por ser homossexual.
- 2 - Eu estive em situações que ouvi outros dizer coisas desfavoráveis e até ofensivas sobre homens homossexuais.
- 3 - Eu vi e li coisas nos mass media (ex: televisão, filmes, livros), sobre homens homossexuais que considero prejudiciais e ofensivas.
- 4 - Os homossexuais evitam dizer às pessoas fora do seu núcleo familiar mais chegado a sua orientação sexual.
- 5 - As pessoas tratam como menos competente quando percebem que é homossexual.
- 6 - Os homossexuais são evitados quando por alguma razão se revela a sua orientação sexual.
- 7- Os homossexuais são aconselhados a baixar as suas expectativas na vida.
- 8 - As pessoas que sabem que um homem é homossexual, tratam-no de um modo justo e amigável.
- 9 - Os amigos de alguém homossexual apoiam-no e são compreensivos.